

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CARLA TRINDADE

ÁGUA DE COLONIAL:

PERFORMANCE, ANTIMONUMENTO E MOVIMENTO COMO GESTOS ANTICOLONIAIS

CHAPECÓ

2023

CARLA TRINDADE

ÁGUAS DE COLONIAL:

PERFORMANCE, ANTIMONUMENTO E MOVIMENTO COMO GESTO ANTICOLONIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para a obtenção de Grau de
Licenciatura em História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS).

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Machado

CHAPECÓ

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Trindade, Carla

ÁGUA DE COLONIAL: PERFORMANCE, ANTIMONUMENTO E MOVIMENTO COMO GESTOS ANTICOLONIAIS / Carla Trindade. -- 2023.

93 f.

Orientador: Doutor Ricardo Machado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2023.

1. Antimonumento. 2. Decolonialidade. 3. Performance. 4. Rio Cubatão do Sul. 5. Águas termais. I. Machado, Ricardo, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

CARLA TRINDADE

ÁGUA DE COLONIAL:

PERFORMANCE, ANTIMONUMENTO E MOVIMENTO COMO GESTOS ANTICOLONIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para a obtenção de Grau de
Licenciatura em História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS).

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 05/07/2023.

BANCA EXAMINADORA



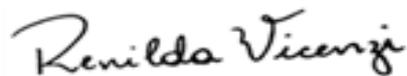
Prof. Dr. Ricardo Machado – UFFS

Orientador



Prof. Ms. Fernando Chiquio Boppré

Avaliador



Prof. Dra. Renilda Vicenzi

Avaliadora

Dedico este trabalho para minha sobrinha
Anita Gojkané (Vertente-água limpa) e meu
sobrinho Roger Gojmág (Rio grande).

Agradecimentos

A partir das analogias com o sedentarizar e o se movimentar, este trabalho me fez perceber que quando a gente decide seguir a pulsão do movimento e ir para a caminhada, uma das coisas mais importantes é sobre quem está conosco nessa. As pessoas que correram, caminharam e até pararam: para contemplar, descansar, recarregar as energias para depois seguir ao meu lado. Por isso, muito obrigada a meus pais e irmãs que nunca desistiram de tentar me acompanhar, ou mesmo de me sonhar indo mais longe do que foram. Aos meus sobrinhas, por vocês eu rodaria o mundo a pé quantas vezes necessário, se soubesse que estariam a me esperar sorrindo em algum lugar. O amor de vocês é combustível que faz com que estagnar não seja uma opção.

Obrigada minhas amigas e colegas de curso Marieli Filippini, Julia Prá, Camila Casagrande e Gabriele Ribeiro. Com vocês a caminhada foi suavizada, e com vocês também aprendi que cada um tem seu próprio ritmo para realizar o mesmo percurso, que o movimento é mais importante que a velocidade. E que as vezes o mais importante ainda é saber sair fora, abandonar esse trajeto e iniciar outro que faça mais sentido para si. E por isso, espero que estejam felizes no novo caminho que estão trilhando agora.

A todos meus amigos e amores que encontrei nessa passagem em Chapecó, em especial Gabriel Vaz, Gabriel Santiago, Natália Dias, Maiara Oliveira Trevisan, Giovana Cofferi de Oliveira, Laura Faccina, Marília Amorim, Taynara Silva e Caetano Braga. A escolha mútua que fazemos constantemente de compartilhar a existência me expandiu e expande para viver afetos não mais em um local delimitado, restrito e reservado. Mas a construir, amar e coabitar de forma múltipla, diversa e em espaço aberto. Obrigada por serem minha rede, que em muitos momentos me deram conforto, comida, abrigo, carinhos e broncas. Obrigada por me amarem tanto. A Taynara, que concomitante a mim, percorreu seu próprio roteiro de conclusão de curso. Esse trabalho é um pouco de você, de tudo que a gente aprendeu sobre História juntas e dos pedacinhos que a gente deixou em alguma sarjeta ao lado do caminho. Saiba que eu concluo essa jornada pois tinha certeza de que você estava comigo nessa e na vida.

E, ainda, esse é um daqueles trajetos que a gente só consegue fazer mesmo porque tem alguém segurando nossa mão, torcendo, impulsionando, se movimentando junto. Então, obrigada Professor Ricardo Machado, por se dispor ao movimento comigo com toda orientação, paciência, compreensão, incentivo e apoio.

Angústia

*Agora sei que o cimento da colonização já não sufoca mais apenas as ruas não silencia apenas os rios
mas também acimenta nosso peito
mesmo com cuidado e cultivo, há partes do nosso território onde a água já não atravessa, escorre
Sinto que nelas o corpo ingere sem aproveitar os nutrientes, passam direto
Por isso inundamos, por isso nos vêm as enchentes nos olhos é preciso que a água entre, rache, quebre o cimento
mas dói, dói
andar com os tamancos de cimento pesam o pé, cansam as costas, mas com os quais andamos há tantos séculos que pisar na terra causa estranhamento
Na angústia parece que a dor no peito vai explodir e minar a saída
Mas lembremos que o corpo não tem começo nem fim e recordemos que somos apenas afluentes, a ir e vir em espiral infinita
Antes da pedra no sapato, antes da pedra no caminho, precisamos reconhecer: há pedaços de cimento em nós, no nosso pensamento, imaginação, nos sonhos
Contra colonizar não é colocar mais cimento nas rachaduras de si, é festejar seu desabamento.*

Geni Daniela Núñez Longhini - Poema feito durante a participação no Acampamento Terra Livre em Brasília, em abril de 2022.

RESUMO

A partir da perspectiva teórica e política da decolonialidade a presente monografia aborda algumas histórias que as águas do Rio Cubatão do Sul têm para contar. Tensionadas a partir das reflexões trazidas pelo movimento artístico da companhia descolonizadora expresso na performance/intervenção minimonumento Água De Colonial CALDAS dos BOROENOS, que atua como ponto de partida para problematizar as diferentes narrativas atribuídas as águas. Impulsionado uma discussão sobre performance e antimonumento, concomitante às discussões postas pela arte contemporânea. Posteriormente, também colocando-se em movimento, a pesquisadora deslocou-se até as águas termais em Santo Amaro da Imperatriz/SC, ao qual dessa viagem, são abordados os diferentes sentidos e caminhos que as fontes são direcionadas devido a sua existência nesse território, e que divergem das histórias postas como oficiais, celebrando a memória e existência da população indígena e quilombola junto das águas. Isto é feito a partir de narrativas de viagens, intercaladas com fontes e bibliografias sobre a localidade.

Palavras-chave: Águas termais. Antimonumento. Rio Cubatão do Sul. Performance. Decolonialidade.

RESUMEN

Desde la perspectiva teórica y política de la decolonialidad, esta monografía aborda algunas historias que las aguas del río Cubatão do Sul tienen para contar. Tensionado a partir de las reflexiones aportadas por el movimiento artístico de la compañía descolonizadora expresadas en el minimonumento de performance/intervención Água De Colonial CALDAS dos BOROENOS, que actúa como punto de partida para problematizar las diferentes narrativas atribuidas a las aguas. Promovió una discusión sobre performance y antimonumento, concomitante con las discusiones planteadas por el arte contemporáneo. Posteriormente, también poniéndose en movimiento, la investigadora se dirigió a las aguas termales en Santo Amaro da Imperatriz/SC, a las que desde este viaje se dirigen los diferentes sentidos y caminos que se dirigen las fuentes debido a su existencia en este territorio, y que divergen de las historias puestas como oficiales, celebrando la memoria y existencia de la población indígena y quilombola por las aguas. Esto se hace a partir de narraciones de viajes, intercaladas con fuentes y bibliografías sobre la localidad.

Palabras clave: Aguas termales. Antimonumento. Río Cubatão do Sul. Rendimiento. Decolonialidad.

LISTA DE SIGLAS

SC- Santa Catarina

MHAC- Museu de História e Arte de Chapecó

STF - Supremo Tribunal Federal

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

UFSC - Universidade Federal de Santa

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

T.I – Terra Indígena

IHGSC – Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

PL – Partido Liberal

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: MINIMONUMENTO E SOLUÇÃO DE LIMPEZA CORPORAL ÁGUA DE COLONIAL CALDAS DOS BOROENOS. FONTE: INSTAGRAM DA COMPANHIADESCOLONIZADORA.....	21
FIGURA 2: CAIXEIRO VIAJANTE SILFARLEM OLIVEIRA CONVERSANDO COM O PÚBLICO. FONTE: INSTAGRAM DA COMPANHIADESCOLONIZADORA.....	23
FIGURA 3: INSTALAÇÃO DA PRIMEIRA PLACA DE SINALIZAÇÃO E DEMARCAÇÃO “BEM VINDES A ABYA YALA” EM ITAJAÍ.....	25
FIGURA 4: MINIMONUMENTO ÁGUA DE COLONIAL EM FRENTE AO MONUMENTO O DESBRAVADOR. FONTE: INSTAGRAM DA COMPANHIADESCOLONIZADORA.....	28
FIGURA 5: MINIMONUMENTO ÁGUA DE COLONIAL EXPOSTO NO MUSEU DE CHAPECÓ/SC. FONTE: HTTPS://WWW.CANALIDEAL.COM.BR/NOTICIA/MUSEU-DE-CHAPECO-RECEBE-INTERVENCAO-ARTISTICA-EM-HOMENAGEM-A-POVOS-INDIGENAS	30
FIGURA 6: CAIXEIRO-VIAJANTE SILFARLEM OLIVEIRA COM CACIQUE VALDIR SALES INAUGURANDO O MINIMONUMENTO ÁGUA DE COLONIAL. FONTE: INSTAGRAM DA COMPANHIADESCOLONIZADORA.....	32
FIGURA 7: CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO MINIMONUMENTO ÁGUA DE COLONIAL AO LADO DA PLACA EM MEMÓRIA AOS MILITARES QUE EMPREGARAM AÇÕES DE EXTERMÍNIO DOS BOROENOS. FONTE: COMPANHIADESCOLONIZADORA.....	36
FIGURA 8: CAIXEIRO-VIAJANTE REALIZANDO A COLETA DA ÁGUA DOS BOROENOS. FONTE: INSTAGRAM DA COMPANHIADESCOLONIZADORA.....	40
FIGURA 9: AÇÃO DE ADICIONAR A SASSAFRÁS E CAPIM-LIMÃO BRASILEIRO A ÁGUA DE COLONIAL. FONTE: INSTAGRAM COMPANHIADESCOLONIZADORA.....	41
FIGURA 10: CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA ÁGUA DE COLONIAL. FONTE: INSTAGRAM DA COMPANHIADESCOLONIZADORA.....	43
FIGURA 11: CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA ÁGUA DE COLONIAL. FONTE: INSTAGRAM DA COMPANHIADESCOLONIZADORA.....	44
FIGURA 12: GARRAFA DE VIDRO COM 8 ML DE ÁGUA TERMAL. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	49
FIGURA 13: ÔNIBUS INTERMUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS PARA SANTO AMARO DA IMPERATRIZ. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	51
FIGURA 14: ARCO DE ENTRADA NO MUNICÍPIO DE SANTO AMARO DA IMPERATRIZ. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	51
FIGURA 15: RUA BEIRA RIO NO DIA 30/11/22. FONTE: HTTPS://NDMAIS.COM.BR/TEMPO/FOTOS-CHUVAS-DEIXAM-5-FAMILIAS-DESALOJADAS-E-SANTO-AMARO-DA-IMPERATRIZ-DECRETA-EMERGENCIA/	53
FIGURA 16: RUA BEIRA RIO NO DIA 09/01/2023. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	53
FIGURA 17: IMAGEM DO CURSO DO RIO CUBATÃO APÓS A ENCHENTE DE DEZEMBRO DE 2022. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	55
FIGURA 18: PLACA DE HOMENAGEM A CHEGADA DO IMPERADOR DOM PEDRO II E DA IMPERATRIZ TERESA CRISTINA EM SANTO AMARO DA IMPERATRIZ. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	56
FIGURA 19: ENTRADA DO CAMINHO QUE LEVA ATÉ CALDAS DA IMPERATRIZ. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	57
FIGURA 20: FONTE DE ÁGUA. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	61
FIGURA 21: FONTE DE ÁGUA. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	61
FIGURA 22: PLACA EM FRENTE AO HOTEL. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	62
FIGURA 23: VISTA DO MIRANTE PRESENTE NO HOTEL CALDAS DA IMPERATRIZ. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	65
FIGURA 24: VISTA DO MIRANTE. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	65
FIGURA 25: PLACA QUE SINALIZA A ENTRADA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CALDAS DO CUBATÃO. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	67
FIGURA 26: CORRENTEZA DE ÁGUA DENTRO DO HOTEL. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	69
FIGURA 27: CORRENTEZA DE ÁGUA NA ENTRADA DO QUILOMBO CALDAS DO CUBATÃO. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	69
FIGURA 28: ESPAÇO DE SALA DE BANHOS. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	71
FIGURA 29: BANHEIRA DA SALA DE BANHO DO HOTEL CALDAS DA IMPERATRIZ. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	72
FIGURA 30: VISTA DA JANELA DO QUARTO. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	73
FIGURA 31: CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DAS COMEMORAÇÕES DOS 170 ANOS DA VISITA IMPERIAL. FONTE: FACEBOOK SANTO AMARO ANTIGA.....	75

FIGURA 32: ANTÔNIO JOÃO DE ORLEANS E BRAGANÇA E CHRISTIANE DE LIGNE DE ORLEANS E BRAGANÇA NAS FESTIVIDADES DE 170 ANOS DA VISITA IMPERIAL. FONTE: HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/PHOTO/?FBID=628688257273753&SET=A.628687070607205	77
FIGURA 33: OBELISCO DA IMPERATRIZ. FONTE: ARQUIVO PESSOAL	78
FIGURA 34: HOMENAGEM PRESENTE NO OBELISCO DA IMPERATRIZ. FONTE: ARQUIVO PESSOAL	78
FIGURA 35: CAPSULA DO TEMPO PRESENTE NO HOTEL CALDAS DA IMPERATRIZ. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	79

SUMÁRIO

PONTO DE PARTIDA	13
CAPÍTULO 1:.....	20
O MOVIMENTO DA COMPANHIA DESCOLONIZADORA E DO MINIMONUMENTO ÁGUA DE COLONIAL CALDAS DOS BORORENOS	20
1.1 PERFORMANCE E ANTIMONUMENTO	20
1.2 SOLUÇÃO DE LIMPEZA CORPORAL ANTICOLONIAL	32
CAPÍTULO 2:.....	46
OUTROS MOVIMENTOS.....	46
2.1 DE CHAPECÓ ATÉ SANTO AMARO DA IMPERATRIZ	46
2.2 INVENTAR O PASSADO.....	57
2.3 ENCONTRO COM AS ÁGUAS: ENTRE AS MARGENS.....	60
2.4 UM PASSADO QUE NÃO PASSA	74
RETORNO AO PONTO DE PARTIDA: SEMPRE EM MOVIMENTO	82
REFERÊNCIAS	86

PONTO DE PARTIDA

Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio a fora, rio a dentro — o rio. (Guimarães Rosa, Na Terceira Margem do Rio.)

Esta pesquisa surge como um movimento em direção a outros movimentos: da companhia descolonizadora e do minimonumento Água De Colonial Caldas dos Bororenos; das águas termais no sul do Brasil, especificamente em Santa Catarina, na bacia do rio Cubatão do Sul; dos sentidos e caminhos que as águas são direcionadas devido a sua existência nesses territórios; da estância termal e Hotel Caldas da Imperatriz impactada pelo movimento da família imperial até o local e das reexistências das Caldas do Cubatão. A escolha pelo movimento como metodologia e estrutura narrativa também acontece enquanto uma posição política e estética. Assim como os nômades, entendemos o deslocamento como uma ação contrária aos conceitos de quietação, imobilidade, impossibilidade de ficar em inércia e sedentarizada, como quer os processos de colonização. E é isso que nos capacita a se relacionar com a pesquisa, impulsionada pelo movimento desde seu primeiro encontro com o tema, a partir do deslocamento da *companhia descolonizadora* até Chapecó/SC.

Além disso, há algo neste tema que substancialmente remete ao estado de mobilidade: os cursos d'água de um rio. A correnteza que intercalando entre diferentes velocidades e barulhos, está sempre em movimento e emitindo sons, se espraiando pelas superfícies ou atravessando entre ou sobre as pedras, encharcando, desmanchando, enchendo, carregando outros rios e encontrando novos caminhos em longas distâncias. Exalando uma potência de vivacidade que é difícil não comover e inspirar. Rio é movimento que resiste às barreiras e aos processos de sedentarização. Terra encharcada é de difícil colonização, porque é movediça, porque os sulcos das pegadas desaparecem sem deixar arquivos dos pés no chão. Por isso, esse trabalho também é marcado pelo meu deslocamento da cidade de Chapecó para Santo Amaro da Imperatriz¹. Um dos municípios que são contemplados pelo curso de água do rio Cubatão do Sul,² ao qual jorram também uma fonte de águas quentes. Esse movimento resultou em

¹ Santo Amaro da Imperatriz é um município localizado na região metropolitana de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

² Os outros municípios contemplados pelos cursos da bacia hidrográfica do Rio Cubatão do Sul são: Águas Mornas, parte de São Pedro de Alcântara e Palhoça.

registros fotográficos e narrativas de viagem que irão compor os textos intercalando com as bibliografias e fontes selecionadas.

Para tal, como apresentando por Durval Muniz de Albuquerque Júnior em seu artigo *Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção*, inspirando-se no conto *A terceira margem do rio* de João Guimarães Rosa, é possível pensar a História em uma terceira margem, desfilada de pretextos fixos ao qual foi colocada em diferentes tempos e contextos. A História e a produção do conhecimento histórico não são mais limitadas ao acompanhar do desenvolvimento e evolução de processos da realidade por parte de um ser estritamente racional, que ao se deparar com os documentos guia a construção dos eventos históricos somente a partir das evidências. Ela pode pautar as dimensões afetivas e emocionais desses sujeitos construtores de conhecimento. Além disso, problematiza-se as questões aquém de um arquivo enquanto fruto de intencionalidades, para que, por fim, seja fabricado e preservado. Igualmente, se considera o papel importante da narrativa e escrita da História. Assim, a partir destas outras compreensões em torno do pensamento histórico, tomemos a História como um rio. Esses possuem pelo menos duas margens que limitam e contêm o escoamento das águas, da mesma forma são os cursos d'água que com a corrosão tencionam e dão forma a essas margens, e é nesta terceira via que a História coabita.

Pensar a História e escrevê-la a partir da terceira margem significa considerar que a História não é só fato, materialidade e objeto em si, tampouco é só representação cultural, subjetiva e narrativa de sujeitos, mas perpassa entre essas duas margens, como um ponto de encontro capaz de produzir fusão (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 28). Portanto, do mesmo modo que o leito do rio produz suas margens, a História é quem produz seus objetos e sujeitos, e é igualmente fabricada por eles. Assim, enquanto historiadoras(es) nos cabe a compreensão de que não podemos ancorar em nenhuma das margens, pois possuímos um compromisso com o navegar indeterminadamente. O que não implica em apenas ser levadas(os) pela correnteza, afinal, existem as águas paradas, as águas que se desencaminham, as que fabricam poças apodrecidas, as águas dos braços dos rios que irão desaguar em outros rios, e mesmo aquelas que levam a lugar nenhum. Nos rios e na História há multiplicidade, logo, é preciso saber como e com qual meio construir o que nos permitirá navegá-la (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 29-30). Essa terceira margem também se estende às temporalidades, em que entre o passado e o futuro, ela representa o presente. Para habitá-la é preciso viver no fluxo, soltar as ancoras da margem do passado cristalizado para poder seguir, mas sem o objetivo de profetizar um futuro para ancorar-se, afinal, as possibilidades para as águas afluírem são profusas. E além de navegar na terceira margem, a(o) historiadora(o)

também se origina dela, ou seja, também é rio, igualmente formada(o) por outros rios, e, assim, por outras margens, sendo também natureza, sociedade, cultura, discursos, práticas de poder e de linguagem, tal como uma foz, em que desaguam muitos arquivos. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 35).

E, ainda, mergulhando mais a fundo na analogia, o que acontece com a História quando o rio enche, encharca, e vai ocupando outros lugares? Quando nem as margens estabelecidas a muito tempo são suficientes para amparar a correnteza e força das águas. Quando não se sabe mais o que era margem ou o que é terra que o rio se alargou. Nesses momentos, entendemos que é preciso deixar o rio nos guiar. Afinal, é fato que o tempo assim como o rio também tem dessas de transbordar. Por isso as(os) historiadoras(es) vêm preocupando-se cada vez mais em entender como diferentes temporalidades coexistem em um mesmo período histórico. E se o tempo transborda, igualmente não pode ser limitado por margens, especialmente pelas margens do tempo único traçado pelo colonialismo. Esse movimento é também uma busca de se contrapor a lógica que nos foi imposta de que o rio, a montanha, a terra e a floresta são resíduos da atividade industrial e extrativista perpetuado pelo projeto civilizatório. Como se esses seres que habitam o mundo anterior aos assentamentos humanos não tivessem sentidos por si próprios para além de uma servidão a essa humanidade que os nomeia como recursos.

Deste modo, na busca de provocar redemoinhos, enxurradas, envolvimento, quedas d'água, para produzir e ser produzido pelas margens, ou mesmo fora delas, foram selecionadas como fontes para este trabalho o livro “Caldas da Imperatriz: A Primeira Viagem do Imperador Dom Pedro II e da Imperatriz, em 1845”, do historiador José Carlos Petri e as fontes digitalizadas e postadas na página de Facebook “Santo Amaro Antiga”³. Neste último é reunido fotografias, documentos e notícias de diferentes períodos da história da cidade, especialmente ligados a visita imperial de Dom Pedro II em 1845, que segue sendo ritualizada pela cidade através de gestos políticos para que essa memória se mantenha viva, por intermédio de encenações, desfiles (alguns deles de gosto duvidoso, diga-se de passagem) e em sites de notícias atuais e locais.

Seguindo, assim como o rio com seus cursos d'água e a História com seus sujeitos e objetos são marcados por uma relação essencial para a existência mútua, ao leste de Minas Gerais o Rio Watu (Rio Doce) e os Krenak também partilham dessa construção coletiva de subsistência, em que ser-água e ser-humano conferem sentidos juntos. Ou como Ailton Krenak relata em seu livro *Futuro Ancestral*: as águas de Watu quando correm fugazes e barulhentas,

³ A página está disponível em: <https://www.facebook.com/santoamaroantiga>. Acesso em: 26/06/2023.

em contato com as pedras fazem música, e nesse momento “nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia, e experimentar outras formas de existir. Por exemplo, ser água e viver essa incrível potência que ela tem de tomar diferentes caminhos”. (Krenak, 2022, p. 14).

Rio e movimento foram resistência à invasão e genocídio provocado pela colonização. E depois, quando deixamos de ser colônia para tornar-se Estado brasileiro continuaram a ser resistência à ocupação e sedentarização dos territórios promovida pela máquina estatal, que buscava desfazer existências nômades durante o projeto de formação da sociedade brasileira. Seguidamente, entrando no século XXI, ainda são resistência quando a todo custo – em cima de vidas humanas e de outros seres– se busca aniquilar formas de organização de populações que não compreendem a natureza como um recurso, e que existem anteriormente a chegada destas concepções coloniais. A exemplo, em novembro de 2015 a barragem de rejeitos de mineração controlada pela Samarco Mineração S. A⁴ rompeu e liberou um volume de cerca 42 milhões de metros cúbicos em rejeitos até a bacia hidrográfica do Rio Doce. Ainda assim, filha de Dona Laurita, que vive as margens do Rio Watu, teve um sonho em que estava à beira do rio, quando este lhe disse: não tenha medo, pode mergulhar. E, em seu sonho, obedecendo a recomendação do rio, ao mergulhar encontrou nas profundezas Watu-avô vivo e correndo com toda a vida que os Krenak conheciam⁵. Os rios de lutas e resistência não secam totalmente mesmo com a intensiva destruição das florestas que dão as condições para que o ciclo da água aconteça e eles encham. Isso porque dá força dos rios são criadas, formadas e fortalecidas gotas que se movimentam e realizam levantes por todo o território brasileiro, como o movimento indígena atuando nas diferentes políticas. Ou mesmo, o deslocamento do artista-pesquisador e representante da companhia descolonizadora Silfarlem Oliveira, também nascido ao lado da bacia do Rio Doce, em direção ao Sul, iniciando assim uma nova rota: A rota das Águas De Coloniais. E, por fim, os rios não morrem para sempre mesmo com os ataques violentos da poluição, da mineração e das construções, porque eles habitam o mundo em temporalidades além da nossa passagem no planeta.

Nesse sentido, na busca de respostas ao questionamento feito por Ailton Krenak, acerca de “como reconhecer um lugar de contato entre esses mundos, que têm tanta origem comum,

⁴ A Samarco Mineração S.A é um empreendimento da Vale S.A, uma mineradora multinacional brasileira que também foi responsável pelo maior acidente de trabalho do Brasil em perda de vidas humanas e um dos maiores desastres ambientais da mineração do país, o rompimento de barragem em Brumadinho (MG) em 25 de janeiro de 2019.

⁵ Esse relato foi trazido por Ailton Krenak na conferência “Do sonho e da terra” no Ciclo de questões indígenas do Teatro Maria Matos, em Lisboa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m8MI9IzdIz8&t=1156s>. Acesso em: 11/10/2022.

mas que se deslocaram a ponto de termos hoje, num extremo, gente que precisa viver de um rio e, no outro, gente que consome rios como um recurso?” (2020, p. 51) tomemos como orientação uma metodologia que seja possível enfrentar à epistemologia colonial: a perspectiva teórica e política da decolonialidade.

Para a compreensão de processos pelo qual passaram e ainda passam os povos que têm impresso em sua historicidade a marca da matriz colonial, utilizamos o conceito de *colonialidade do poder*. “Ele exprime uma constatação simples, isto é, de que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo” (BALLESTRIN, 2013, p. 100). Posteriormente, o conceito de *colonialidade do poder* foi estendido para a *colonialidade do saber e colonialidade do ser*, para explicar como a estruturação do sistema-mundo moderno/colonial atua também no controle das subjetividades e existências, das relações com a natureza e da produção do conhecimento. Para Castro-Gómez, a universidade, tanto em pensamento como em estrutura faz parte da reprodução dessa tríade da colonialidade (2007, p. 79), e para a superação desse modelo defende a *universidade transcultural*⁶, que “*No se trata sólo de que el conocimiento que proviene de una disciplina pueda articularse con el conocimiento proveniente de otra, generando así nuevos campos del saber en la universidad.*” (2007, p. 87). Ainda que a interdisciplinaridade seja uma questão fundamental para a busca de um conhecimento integral, e seu aparecimento recente implique em mudanças significativas. A proposta principal da transculturalidade “*tiene que ver con la posibilidad de que diferentes formas culturales de conocimiento puedan convivir en el mismo espacio universitario.*” (2007, p. 87). Trata-se de considerar conhecimentos que os colonizadores expropriaram das populações colonizadas. Dos quais utilizaram-se daqueles que poderiam ser adaptados a serviço do desenvolvimento do capitalismo, e os demais que sobraram, foram levados intensivamente a repressão: as suas formas de produção de conhecimento, suas construções de sentidos, suas cosmovisões, suas expressividades e subjetividades (QUIJANO, 2005, p. 121). Portanto, implica incluir outros saberes que existem há milênios, mas que são postos pelo colonialismo epistêmico em vigor, como folclóricos, mitológicos ou primitivos. Como aponta Krenak: “Sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios” (2022, p. 13). É também sobre escutar o que os cursos d’água estão comunicando.

⁶ Importante ressaltar a escolha de Castro-Gómez pela palavra Transcultural, devido a definição de Nicolescu de que a palavra “Trans” possui a mesma raiz etimológica que a palavra “três”, ou seja, trata-se de uma defesa a transgressão ao dois, representado pelo binarismo, que é a marca do pensamento trazido pela modernidade ocidental.

Para que o diálogo dos saberes aconteça é necessário a descolonização das instituições que gerenciam e daquelas(es) que produzem o conhecimento. Para isto, é primordial evidenciar o local e olhar de onde se está partindo. Pois, se a ciência ocidental do século XVIII propôs que a objetividade vinha a partir do ideal de distanciamento do(a) pesquisador(a) com os fenômenos, a descolonização considera a impossibilidade da construção de conhecimentos sem que o(a) investigador(a) apareça, afinal, “*Cualquier observación nos involucra ya como parte del experimento*” (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 89).

Donna Haraway (1995) em oposição às doutrinas ideológicas da objetividade científica descorporificada propõe a objetividade pela perspectiva parcial. A discussão me impulsionou a questionar quem e como expor, visto que é ensinado pela historiografia tradicional que enquanto pesquisadora a neutralidade faria parte de mim, ou seja, não seria necessário expor de onde eu partiria, mas os “objetos de estudos”, esses sim poderiam ser postos à exaustão da exposição. Porém, a partir das contribuições teóricas decoloniais pretendo ter o cuidado para que o privilégio ontológico de expor e não ser exposto seja questionado nesta pesquisa, como um ponto de partida ético fundamental. Ochy Curiel (2016), propõe que essa descolonização seja feita a partir do que chama de “antropologia da dominação”, estratégia que busca “*develar las formas, maneras, estrategias, discursos que van definiendo a ciertos grupos sociales como “otros” y “otras” desde lugares de poder y dominación*” (CURIEL, 2016, p.3). Nessas criações e nomeações da(o) outra(o), o nomear-se não está nas preocupações metodológicas, tanto na posição de não exposição de si, como também na não reflexão de quem são, implicando na escolha de quais grupos serão pesquisados e nos procedimentos da pesquisa. “Nessas outrificações, ainda é comum que se pense que mulheres teriam gênero, homens não; pessoas trans teriam identidade de gênero, as cis não; pessoas não brancas teriam raça e cor, enquanto pessoas brancas não as teriam e assim se segue” (NÚÑEZ, 2022, p. 15)

Dessa forma, é imprescindível que esteja posto desde o início a minha localização limitada frente a presente pesquisa, me colocando em transparência. Elucido que sou uma mulher cis, branca, e escrevo desde o oeste do estado de Santa Catarina, a partir de um olhar que começou a ser moldado em um tempo e local diferente ao que me encontro hoje. Este trabalho é guiado pelas perspectivas do pensamento historiográfico, teórico e político de autoras e autores referenciados, mas também abarca experiências, contextos e condições vivenciadas por mim. Afinal, esse local social que ocupo enquanto corpo em nosso contexto histórico, social, político, econômico, cultural, racial, de gênero e sexual é expresso em todos suas esferas. E assim, faço questão de reafirmar: a ciência, a historiografia e a academia não estão e nunca estiveram alheias ao seu meio. Por isso, a imparcialidade não é objetiva e negar isso é aceitar

que o tem se concebido em termos de produções coloniais, como efetivo instrumento da manutenção da colonialidade, diz respeito à universalidade, ou ainda, trata-se apenas de uma questão de escolha, indiferença ou irresponsabilidade, e o último no sentido apenas de não ser cobrado e responsabilizado.

Por fim, como explicitado pelo pensamento de João Guimarães Rosa em seu conto *A terceira margem do rio* em que quando narra que “aquilo que não havia, acontecia” (2001, p. 80), a história do pai passa a ser contada, esta pesquisa também passa a existir a partir de uma quebra de rotina, de um acontecimento inusitado. Ela parte de um movimento, de um convite a pensar sobre o imobilizado, uma produção de desconforto com a inércia, um toque para pensar a limitação que o sedentarizar impõe, uma sensibilização com aquilo que se move: A intervenção/minimonumento Água De Colonial CALDAS dos Bororenos.

CAPÍTULO 1:

O MOVIMENTO DA COMPANHIA DESCOLONIZADORA E DO MINIMONUMENTO ÁGUA DE COLONIAL CALDAS DOS BORORENOS

1.1 PERFORMANCE E ANTIMONUMENTO

Do afundamento de uma caravela pela ventania das chuvas, raios, pela força do fogo e das ondas – a natureza em suas muitas manifestações – se funda a miração de outras paisagens onde plantas, seres espirituais, bichos primordiais e formas ancestrais da memória brotam sobre o granito do monumento que, apagado, serve de suporte para a projeção de outros mundos – aqueles que os malditos homenageados esculpidos na pedra tentaram apagar.

(Helio Menezes em seu Instagram referindo-se a obra do artista Denilson Baniwa de projeção no Monumento às Bandeiras)

No dia 20 de setembro de 2021 no município de Chapecó/SC⁷, o artista-pesquisador Silfarlem Oliveira⁸ montou em frente ao Museu de História e Arte de Chapecó (MHAC)⁹ uma banca ambulante distribuindo pequenas garrafinhas de 120 ml intituladas como “Água De Colonial CALDAS dos BORORENOS”:

⁷ Chapecó é um município da região oeste do estado de Santa Catarina, localizado a 557 km de Florianópolis, capital estadual.

⁸ Silfarlem Oliveira é Doutor em Processos Artísticos Contemporâneos pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O pesquisador também desenvolve, pesquisas e proposições (artísticas/culturais/cotidianas) a partir de estratégias de empréstimo, intervenção e (re)contextualização.

⁹ O Museu de História e Arte de Chapecó, além de servir as atribuições tradicionais dos museus em retratar a narrativa colonial e hegemônica, no campo das artes também se constitui como um espaço excludente. Somente em 2022 o museu recebe a primeira exposição de um artista negro: Jean Lucas Magnus, mais conhecido como Olharte, foi o primeiro artista negro a expor no Museu de História e Arte de Chapecó, com a exposição “Pretonagens”. Ver mais: <https://www.jornalsulbrasil.com/fundacaocultural-de-chapeco-promove-a-exposicao-pretonagens/>. Dois meses depois o museu tem sua primeira exposição de um artista indígena: O jovem guarani Karai Hyapua apresentou a exposição “Ara Poty: Apresentando Karai Hyapua”. Ver mais: <https://www.jornalsulbrasil.com/exposicao-ara-poty-inicia-dia-23-de-agosto/>.

Figura 1: Minimonumento e solução de limpeza corporal Água De Colonial CALDAS dos BORORENOS.
 Fonte: Instagram da companhiadescolonizadora.



Essa garrafinha que aparentava ser uma espécie de *souvenir*, mas também uma solução de limpeza corporal, anticolonial, conforme descrito na etiqueta que tinha similaridade em seu *design* com as antigas loções de limpeza *Leite de Colônia*¹⁰, também trazia em seu rótulo a definição de “minimonumento”. Por fim, tratava-se de uma proposta anticolonial sobre os monumentos, ao mesmo tempo que era um produto de limpeza corporal que foi distribuído para as pessoas que durante uma segunda-feira qualquer, circulavam no local. Depois descobri que a intervenção/performance política, estética e artística fazia parte de um projeto da *companhia descolonizadora* selecionado pelo edital Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura/Artes do Estado de Santa Catarina. A chegada da companhia descolonizadora em Chapecó é contemplada pôr o que o caixeiro viajante Silfarlem Oliveira, ou Sil, como gosta de ser

¹⁰ Leite de Colônia é uma tradicional marca de produtos ligados à limpeza e cuidado da pele, existente no mercado desde 1948.

chamado, nomeou de “segunda rota de ação, em direção à Yby ã (terra de cima)”, com paradas em Lages, Concórdia, Chapecó, José Boiteux e Ibirama. Conjuntamente às terras do meio e terras de baixo (litoral, serras e vales de Santa Catarina), formavam a chamada Rota das Águas De Coloniais percorrida pela companhia descolonizadora, que compreende 14 municípios que receberam a visita e a ação/intervenção minimonumento Água De Colonial.

Situando a ação/intervenção no aspecto artístico contemporâneo, é possível refletir sobre as questões que a arte contemporânea realça. Se esta tem como objeto a reflexão sobre o contexto histórico presente, e este é marcado por contraposições sociais e violações originadas no colonialismo e que seguem em vigor: como os artistas devem e podem criar outras possibilidades? Segundo o curador e crítico de arte Nicolas Bourriaud (2009, p. 18) ao discorrer sobre a transição da modernidade ao contemporâneo na história da arte, “a arte devia preparar ou anunciar um novo mundo futuro: hoje ela apresenta modelos de universos possíveis”. A arte que antes colocava sobre si a função de vanguarda da constante evolução histórica, dá lugar a outra que a partir de impulsos que não se firmam no regime de historicidade moderno, eurocêntricos, reflete sobre outras formas de habitar o mundo, fruto de outras temporalidades. Ações como da companhia descolonizadora e do artista-pesquisador Silfarlem Oliveira que em um movimento de habitar o seu próprio tempo e as circunstâncias postas para propor transformações do seu contexto, não recorre a projeções de futuro. Em contrapartida, sinaliza a existência de modelos de futuros possíveis presentes e cultuadas há muito mais tempo pelos povos originários, que assim como Krenak (2022, p.11), apontam que “se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui.”

Outro aspecto trazido por Bourriaud que igualmente aparece, é o potencial de sociabilidade e de construção de diálogo das chamadas artes de *estética relacional*¹¹. Em que a partir do encontro entre artista, arte e observador, trazendo a obra para as relações humanas, possibilita a criação coletiva de sentido, fruto também da urbanização frequente das experiências artísticas. Neste caso, como descrito, o caixeiro-viajante e representante da companhia descolonizadora estava em interação constante com o público da rua, com um megafone chamava atenção sobre a distribuição de “minimonumentos e solução de limpeza Água De Colonial CALDAS dos BOROENOS”. Em troca, as pessoas que aceitaram a doação, foram interpeladas pelo discurso anticolonial da companhia. Esse modo de arte “cria espaços livres, gera durações com um ritmo contrário ao das durações que ordenam a vida cotidiana,

¹¹ Arte relacional é a arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e o contexto social mais do que o espaço simbólico do autônomo e privado (p.19). Ver mais em: BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

favorece um intercâmbio humano diferente das “zonas de comunicação” que nos são impostas. (BOURRIAUD, 2009, p. 23).

Figura 2: Caixeiro viajante Silfarlem Oliveira conversando com o público. Fonte: Instagram da companhiadescolonizadora.



Ainda por Bourriaud, isso pode ser tratado como característica de *exposição*, a condição em que o artista é capaz de criar coletividades instantâneas, um “dominó de trocas” particular (p. 24). Portanto, a arte contemporânea também possui objetivos políticos, de inclusive, extrapolar as esferas da comunicação e das relações, especialmente pela sua especificidade de cada vez mais deslocar o objeto artístico do contemplativo para o universo social, principalmente em espaços públicos. Outro aspecto da arte contemporânea presente na intervenção, é a *não-disponibilidade* da performance, que tem por definição acontecer em um determinado momento. A performance, uma vez realizada, sobram apenas as documentações

que foram produzidas sobre ela, pois agora o que viveram os observadores e artistas, fica resguardado com os próprios: “a obra de arte não é mais aberta a um público universal nem oferecida ao consumo numa temporalidade “monumental” [...]. Em suma, a obra suscita encontros casuais e fornece pontos de encontro, gerando sua própria temporalidade.” (BOURRIAUD, 2009. p. 41). Isto soa como um convite do artista para os espectadores participarem da elaboração da obra, dar vida e sentido para a experiência artística, que ultrapassem o básico contemplar.

É importante frisar que a ação descrita faz parte de um todo, que corresponde ao que a companhia define como “Trabalho em Regresso”. Dentre essas etapas são executadas feitos de pesquisas, agenciamento, produção cultural, produção farmacêutica e assessoria de divulgação. Compondo uma obra que trabalha com a visão de mundo em que não se objetiva uma meta final, mas sim preza-se pela lógica da “des-meta”. Assim, toda execução e apresentação da companhia é o trabalho em si, é tudo essencialmente intervenção e performance acontecendo. Por isso a delimitação de que essa movimentação que ocorreu nos municípios é uma fase dentre tantas outras, mas que todos os processos anteriores e mesmo posteriores (incluindo também a repercussão da ação em forma de fala-ação em conferências e discussões ao qual o artista-pesquisador foi convidado) também são o trabalho em regresso da companhia.

O artista, curador e crítico brasileiro Ricardo Basbaum (2013, p. 21) ao definir artistas como Silfarlem, ao qual nesse movimento pelas atividades do campo da arte o fazem apontando para diversos caminhos e direções, adiciona o “etc” ao artista. Assim, o/a artista-etc. realiza ações em torno do escrever, falar, publicar, editar e agenciar. Silfarlem enquanto artista-pesquisador e representante da companhia descolonizadora, desenvolve projetos, pesquisas e proposições artísticas e culturais, e tudo isso faz parte da sua atuação na arte. São novos sentidos a compreensão do papel do artista contemporâneo, extrapolando a criação de objetos estéticos, mas relacionando-se com a arte em diferentes campos do conhecimento e da experiência humana, que se coloca como contraposição a preceitos bases do mundo da arte, de que artistas fazem o trabalho e os críticos é quem comentam.

Para melhor compreensão desse envolvimento, é possível regressar ao contato do caixeiro viajante Silfarlem Oliveira com a companhia descolonizadora. Sil, que é mineiro, nascido pertinho da bacia do Rio Doce, circulou grande parte da vida em movimento entre Minas Gerais e Espírito Santo, territórios dos Krenak, dos Tupiniquins, dos Guarani, dos Aimorés, entre outros povos indígenas. E é nestas viagens que ele se encontra com Araribóia e

suas diversas migrações¹², que conforme o artista é quem o leva até a companhia descolonizadora, pois a partir dele se mobiliza em direção às discussões acerca dos monumentos e das suas heranças coloniais. Atualmente, a companhia atua no ramo das ações e intervenções dedicadas ao combate, desmonte e desarme de discursividades e representações coloniais, neocoloniais e suas variantes contemporâneas¹³. A ela, é possível atribuir o conceito de Ricardo Basbaum de “agência”, afinal, não compete com as instituições estabelecidas como museus e galerias, mas também age de forma que não fique de fora do que acontece nesse meio. De modo que “aos poucos, estas atividades vão configurando um perfil de linguagem e atuação que criam outras possibilidades de circulação para ideias e trabalhos” (2013, p. 52). Dentre isso, existem no momento duas ações principais executadas pela companhia, que são a intervenção minimonumento e solução de limpeza corporal Água De Colonial CALDAS dos BOROENOS, ao qual esse trabalho se debruça, e a placa de sinalização e demarcação visual-descritiva intitulada como “Bem vindes a ABYA YALA”¹⁴.

Figura 3: Instalação da primeira placa de sinalização e demarcação “Bem vindes a Abya Yala” em Itajaí.



¹²Araribóia foi um indígena que lutou ao lado dos portugueses na expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, e contra os holandeses no Espírito Santo, e por seus atos recebeu da coroa portuguesa título e pedaço de terra onde atualmente hoje é Niterói. Posteriormente um monumento intitulado como Monumento ao Índio recebeu seu nome. O monumento ao Índio (Araribóia) migrou por diversos lugares da cidade, conforme a urbanização e o progresso chegava e estes espaços não eram mais considerados paisagens adequadas para sua memória.

¹³Fragments do relato de Silfarlem na fala-ação: “Outras Histórias da arte: uma conversa com Silfarlem Oliveira”. Disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=cdvE1M-3Vsk>. Acesso em: 21/12/2022.

¹⁴A placa de sinalização demarcação Bem-Vindes a Abya Yala foi desenvolvida e implementada mediante bolsa de produção do 15 Salão Nacional de Artes de Itajaí. Ver mais: <https://www.instagram.com/companhiadescolonizadora/>. “Abya Yala” era uma denominação usada pelo povo Kuna, do norte da Colômbia, mas que passou a ser utilizada pelos povos originários para designar todo o continente. No idioma original significa “Terra que refloresce”.

Dando seguimento, na primeira etapa da intervenção minimonumento Água De Colonial, o caixeiro-viajante visitou arquivos das Companhias Colonizadoras, espaços culturais, museus e monumentos coloniais localizados em municípios do Estado de Santa Catarina. Também, foi neste momento que iniciou conversas com lideranças indígenas sobre a proposição da companhia descolonizadora. Tratou-se de um movimento em busca de contatos institucionais, em defesa da relevância da ação naquelas cidades com marcas do colonialismo explícitas na memória e no patrimônio. Esse processo de voltar-se para a reflexão sobre o que implicam a existência desses lugares, especialmente no contexto atual, é uma forma de colocar em destaque o regime da colonialidade vigente. Como sinalizado por Grada Kilomba, a relação íntima com o passado colonial e a fixação por esse passado romantizado, faz parte das sociedades que não compreendem uma associação da colonização e do colonialismo com o genocídio, com a desumanização, dor, exclusão e mágoa, fazendo com que haja uma dissociação entre a palavra e o termo, entre a realidade e a história¹⁵. Implicando na existência de “uma sociedade que vive na negação, e por isso não permite que novas linguagens sejam criadas, nem autoriza que seja a responsabilização, e não a moral, a criar novas configurações de poder e conhecimento (KILOMBA, 2019, p.12). A escolha pelo município de Chapecó foi feita justamente por seu cenário de monumentos e homenagens a personagens coloniais, bem como dos seus simbolismos que perpetuam a narrativa da povoação majoritária das etnias europeias, ignorando a presença milenar dos Kaingang e Guarani, bem como de outros grupos de pessoas não-brancas¹⁶ que pela migração forçada pela colonialidade ou não, habitam a localidade.

Assim, para além da definição de performance para exemplificar o contato entre o artista e o público restrito de Chapecó que passou pelo local naquela segunda-feira, seus impactos se sobressaem ao ato, afinal, as soluções de limpeza corporal anticolonial também eram minimonumentos. Um deles ficou instalado na entrada do Museu de História e Arte de Chapecó até 29 de outubro de 2021, e os demais foram levados por aquelas(es) que em frente ao monumento *O Desbravador* foram tocadas(os) por uma intervenção artística que tinha como propósito escancarar o que significava esse símbolo da colonização e da colonialidade. *O Desbravador* trata-se de uma estátua feita pelo artista plástico Paulo de Siqueira, inaugurada em 25 de agosto de 1981. Materializa o processo de fundação de Chapecó, e conseqüentemente,

¹⁵ Fala de Grada Kilomba em conversa com Carla Fernandes sobre Descolonização. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F867eaM2QcY&list=PLnmWRvwsvfQLm_CFEe4upE7QVwo1cCDgY. Acesso em: 10/01/2023.

¹⁶ Utilizarei o termo não-branco quando referir-me as pessoas que são atravessadas pela violência do racismo no Brasil: todos aqueles de corpos não brancos.

por ainda estar presente em um espaço público da cidade em 2023, marca a continuidade desses preceitos fundadores. Um símbolo masculino, com um machado em uma das mãos, celebrando uma das armas utilizadas para a matança e destruição colonial sob toda vida que se opôs ao projeto desenvolvimentista e predatório, ao qual, o sucesso, honra e glória é representado por um ramo de erva-mate¹⁷, presente na outra mão da figura deste colono.

Tal representação também pode ser compreendida pelo denominado “pacto-histórico” que estrutura a autoimagem que as sociedades ocidentais hegemônicas possuem de si, mas que após a emergência do pensamento pós-colonial é posta em crise, pôr as várias sociedades ocidentais ou ocidentalizadas à força, como a brasileira. (NAPOLITANO; KAMINSKI, 2022, p. 11). Gherman e Rocha (2022, p. 41) sinalizam que “A cidade se constitui como um conjunto de relações em um ambiente gerado a partir de projetos e processos históricos”. E o monumento *O Desbravador* em Chapecó faz parte do projeto daqueles que idealizam e atuam na organização das perspectivas políticas, econômicas, culturais e sociais do município, expresso nos seus interesses e empenho em reconhecer a memória do *Pioneiro*.

Essa defesa trata-se muito mais de uma construção de narrativas sobre o espaço da cidade e seus usos no presente do que pela simples tradição acumulada da história. Afinal, materializar uma memória em forma de patrimônio é apresentá-la como existente e mais legítima em meio a outras memórias do presente, e o inverso também ocorre, a ausência de algumas memórias no espaço público de uma cidade as torna inexistentes no cenário urbano (GHERMAN; ROCHA, 2022, p. 43). E, pensando a partir da perspectiva das populações não-brancas em Chapecó, em Santa Catarina, mas que se estende para todo o território nacional, o não reconhecimento público da presença dessas pessoas como memórias e identidades que constituem a história da localidade, mesmo que visivelmente façam parte das relações e dinâmicas do cotidiano, é feito de forma intencional. Faz parte da justificativa usada para a negação de direitos aos quais são garantidos a esses sujeitos. Além de que, “quando toleramos a perpetuação de imagens de colonizadores, escravistas e bandidos em geral em nossas vias, é sinal de que esses espaços não são tão públicos assim. (MENEZES, 2020, Folha de S. Paulo).

É neste contexto que a companhia descolonizadora propõe a reflexão sobre a presença histórica e atual dos povos indígenas em Santa Catarina, especialmente nos locais do estado escolhidos por serem lugares que se dispõe a tratar da memória da colonização, mas que nesta ação, tem as suas lacunas postas em evidência. Igualmente, essa decisão de propor uma discussão acerca do que é caracterizado como um monumento neste espaço em específico,

¹⁷ A erva-mate nessa figura representa uma planta que marcou a história da construção da identidade regionalista do colono, devido a sua forte produção e consumo na região.

também instaura um movimento em torno da ética do observador, classificando-se como uma obra que leva o espectador a tomar consciência a respeito do contexto em que se encontra (BOURRIAUD, 2009, p. 79).

Figura 4: Minimonumento Água De Colonial em frente ao monumento O Desbravador. Fonte: Instagram da companhiadescolonizadora



As pessoas que naquele dia levaram um minimonumento Água De Colonial para casa, foi possibilitado rejeitar a ideia de monumentalidade. Essa que é expressa na estrutura grandiosa localizada em um lugar central da cidade em meio a outras homenagens a representações da masculinidade branca, e que igualmente estiveram ligados a processos de violência, destruição e exploração: na Avenida *Getúlio Dornelles Vargas*, ao lado da Praça *Coronel Bertaso*. Em

vista disso, é defendido por outros artistas¹⁸, de que há uma invisibilidade dos monumentos e da história que carregam, que somente atos catárticos (como os movimentos de destruição, intervenções, alterações), podem trazer à tona. Existe a percepção de que os monumentos se apagam em meio ao funcionamento e paisagens das cidades, o que faz com que muitas vezes não se questione para quem e por que as homenagens são feitas no espaço em que se vive¹⁹. Assim, a proposta trazida pelo minimonumento Água De Colonial é como retratada na imagem acima: contrapor-se aos monumentos.

Esses são caracterizados por serem construções majestosas, que implicam verticalidade e possuem necessidades intrínsecas de impressionar. Feitos de materiais densos, resistentes, difíceis de serem destruídos ou minimamente alterados, possivelmente inabaláveis, tanto pela ação humana ou pela ação do tempo. O que não significa que gestos de derrubar, queimar²⁰ e pixar²¹ não aconteçam frequentemente por parte dos movimentos ligados a causa antirracista e da descolonização. Menezes defende que essas estruturas são envolvidas em uma espécie de *paradoxo* entre apagamento e invisibilidade, em que apesar de facilmente visíveis (são construídas para serem vistas de longe) se perdem na vista da cidade. E com a naturalização da sua presença, escondem também o racismo e a violência que simbolizam, bem como a memória, dor e resistência das suas vítimas. Então, quando ao monumento é proposto o real apagamento, ele torna-se visível: “Esses momentos revelam a biografia – quase sempre decepcionante – dos heróis de pedra e metal, reacendendo o debate sobre as lacunas da história oficial, as histórias não contadas, as memórias apagadas” (Folha de S. Paulo, 2020). Isto escancara o questionamento contemporâneo cada vez mais emergente nas discussões sobre patrimônio público: qual a funcionalidade dos monumentos e da monumentalidade?

Quando exteriorizado os objetivos dos monumentos de glorificar, naturalizar, perpetuar, institucionalizar, legitimar e produzir discursos de uma narrativa histórica privilegiada, a memórias das existências que eram apagadas (mesmo que implícitas nessas edificações) podem ser realmente contadas (não só materializadas em pedras), se fazendo ver e ouvir outras narrativas e passados. Essa discussão também é feita pelo historiador, teórico e crítico literário

¹⁸ Ver mais em: “Artistas veem derrubadas de estátuas como resgate e não como apagamento”. Folha de S. Paulo, 12 de jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/06/artistas-veem-derrubada-de-estatuas-como-resgate-e-nao-apagamento-de-figuras.shtml>. Acesso em: 10/03/2023.

¹⁹ Vídeo mostra homem furtando busto de bronze na praça XV, na capital: Ausência de monumentos históricos foi notada duas semanas após furto. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/08/vide-mostra-homem-furtando-busto-de-bronze-na-praca-xv-na-capital.html>. Acesso em: 03/03/2023.

²⁰ Estátua de Borba Gato é incendiada em São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/noticia/2021/07/24/estatua-de-borba-gato-e-incendiada-por-grupo-em-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 03/03/2023.

²¹ Segunda vez: monumento do centenário é pichado em Chapecó. Disponível em: <https://clicrdc.com.br/categoria-geral/segunda-vez-monumento-do-centenario-e-pichado-em-chapeco/>. Acesso em: 03/03/2023.

Selligman-Silva em torno dos artifícios utilizados por a estética-ética dos *antimonumentos*, abordados por trabalhos da arte contemporânea. Esses que “abandonam a retórica da “memória escrita em pedra para sempre” e optam por matérias e rituais mais efêmeros, apostando justamente na força das palavras e dos gestos, mais do que no poder das representações [...]” (2016, p. 51). O minimonumento opera como um antimonumento quando rejeitando as motivações da monumentalidade reivindica a memória ativa e viva não dos feitos heroicos, mas da violência por trás desses feitos, e das resistências e presenças das vítimas dessa violência. Utilizando de recursos estéticos, políticos, artísticos e linguísticos para ressignificar o conceito de monumento. Trazendo a fragilidade, a impermanência, a contraposição aos materiais rígidos. Propondo um monumento feito de água, o diálogo e a performance para a celebração livre da memória, possibilitando que se construa um significado coletivo diante do objeto, mas também individual para aqueles que o levaram para suas casas.

Figura 5: Minimonumento Água De Colonial exposto no museu de Chapecó/SC. Fonte: <https://www.canalideal.com.br/noticia/museu-de-chapeco-recebe-intervencao-artistica-em-homenagem-a-povos-indigenas>



Embaixo do suporte que estava apoiado o minimonumento localizava-se a placa descrevendo para quem se tratava a homenagem: “Em homenagem aos Guarani, aos Kaingang, aos Xokleng e tantos povos ameríndios que desde muito anos antes de 1500 vivem no continente Abya Yala [...]”. E, ainda na placa, bem como no seu rótulo, na bula que o acompanhava, e no discurso presente na ação, este igualmente tratava-se de uma homenagem “Aos que lutaram e ainda lutam pela sobrevivência da vida e da (bio) diversidade e a todas as vítimas anônimas da invasão colonial, do neocolonialismo e do desenvolvimentismo predatório atual [...]”. Pontuando e trazendo a reflexão da necessidade de encararmos a naturalização de uma das principais táticas de dominação imposta pelo colonialismo e pela colonialidade: o apagamento das marcas de violência deixadas e ainda agora provocadas, sob a justificativa do progresso civilizatório.

Ademais, como feito habitualmente quando se instaura um monumento em um espaço público, foi realizada um momento de inauguração. O caixeiro viajante realizou o ato de lançamento/inauguração da solução de limpeza corporal anticolonial/minimonumento às 15:00 do mesmo dia. Conjuntamente, estava presente a liderança Valdir Sales do Nascimento da Terra Indígena Kondá, propondo que o debate sobre patrimônio histórico e memória pública considerem as vítimas que foram e são atravessadas pelos atos do nosso passado presentificado. Considerando que as suas existências e resistências são invisibilizadas, especialmente em espaços hegemônicos como o Museu de História e Arte de Chapecó. Ao passo que, para além da inauguração do minimonumento recebeu presença indígena como protagonista novamente somente no dia 23 de agosto de 2022, com a exposição do artista Guarani Edson Karai Hyapua.

Figura 6: Caixeiro-viajante Silfarlem Oliveira com cacique Valdir Sales inaugurando o minimonumento Água De Colonial. Fonte: Instagram da companhiadescolonizadora.



1.2 SOLUÇÃO DE LIMPEZA CORPORAL ANTICOLONIAL

Para continuar a discussão sobre essas sociedades que vivem no presente, falando sobre futuro, mas que são marcadas por reencenações constantes do passado colonial, seguimos para a segunda etapa do trabalho de execução da intervenção da companhia descolonizadora: a produção da solução de limpeza corporal anticolonial. Esse processo é iniciado através da retirada das águas quentes com propriedades medicinais/curativas nas beiras da Serra do Tabuleiro que jorram das Caldas do rio Cubatão em Santo Amaro da Imperatriz, e podem ser recolhidas no Fontanário Caldas da Imperatriz (Caldas dos Bororenos).

Sobre essas águas termais, em 1818, o português e governador da capitania de Santa Catarina João Vieira Tovar de Albuquerque em seu pronunciamento oficial estendendo-se aos habitantes da capitania, diz: “Temos entre nós um manancial de beneficência pública, deixai-

nos assim explicar, um manancial de saúde, e havemos de privar o público, a nossa Nação e, enfim a Humanidade deste presente que nos confiou a natureza? Ah! Não”²².

Anos depois, em 2015, o historiador local Jose Carlos Petri em entrevista sobre o lançamento da segunda edição do livro *Caldas da Imperatriz: 170 anos de história*, ao ser questionado sobre o conhecimento dos indígenas acerca das propriedades curativas das águas termais, responde: “O índio apesar de ser caracterizado como índio, é um ser humano que sofre dos mesmos males que os nossos (risos) e como a região sempre foi fria [...] as doenças implicavam no ser humano índio. Então, se para o branco aquilo era um lugar de recuperação de saúde, para o índio também”²³.

Esses relatos, provam que as concepções coloniais impostas pela colonização estão presentes no cotidiano da sociedade brasileira atual, como bem-posto por Grada Kilomba (2019, p. 28): “é a reencenação de um passado colonial presentificado como uma realidade traumática e negligenciada”. Igualmente, quando falado em “não negar a Humanidade deste presente que nos confiou a natureza”, ou na ênfase ao falar “ser humano índio”, é uma situação reflexo da noção de humanidade imposta pela modernidade/colonialidade. Esse processo faz parte da racialização dos sujeitos colonizados, que é iniciada nesse território a partir do contato pela invasão, em que os colonizadores questionavam se não-brancos eram humanos. Essa racialização que é feita a partir do contraponto a corpos brancos, fazendo com que “*en términos generales, entre más clara sea la piel de uno, más cerca se estará de representar el ideal de una humanidad completa*” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 132). Mas, que além deste, outro aspecto era igualmente considerado: as noções e concepções em torno das formas de estar na Terra. Como dito por Krenak em seu livro *Ideais para adiar o fim do mundo*: “a ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentado na premissa de havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida” (2019, p. 8). O pensamento de que existe um jeito certo de ser humano é firmado na não compreensão e aceitação de modos de vidas e existências que não contribuem para um projeto de exaustão da natureza (ou quaisquer outras formas de vida que não seja a humana). Entendimento usado como respaldo para práticas extremamente violentas que ocorreram ao longo do processo colonizatório até a formação e funcionamento do Estado brasileiro atual.

²² Esse trecho do pronunciamento está gravado em placas e em um monumento (obelisco da imperatriz inaugurado em 2015) presentes no Hotel Caldas da Imperatriz e em diversos sites que buscam tratar da história da cidade, das águas termais e do turismo local.

²³ A entrevista aconteceu através de um live no perfil do Facebook da Prefeitura de Santo Amaro da Imperatriz e pode ser assistida através deste link: <https://www.facebook.com/watch/?v=1064981000769261>. Acesso em: 09/01/2023.

Essa humanidade, criada e propagada como proposta universalizante – por isso a violência com quem não a compreende e não a aceita, como os mais de 300 povos do Brasil que resistem em falarem mais de 250 línguas e dialetos, diferentes – abomina a diversidade. Essa humanidade ou “essa abstração que permitimos constituir como humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres” (KRENAK, 2019, p. 47), é configurada justamente pelo desraigar de qualquer ligação com a natureza, com a terra, com as águas. “Este devaneio colonial que acredita ser possível existir apartado da natureza nega a si mesmo e à própria materialidade do seu corpo-território e das conexões que lhe permitem a vida” (NÚÑEZ; BARBOSA; GUEDES; OLIVEIRA, 2020, p. 162). É também daí a incapacidade de conceber o mundo a partir de outras visões, ou como por Krenak (2019, p. 49): “quando nós falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: ‘Isso é algum folclore deles’”.

O resultado é todo o histórico de violência que tem origem no sistema moderno/colonial, mas que segue amontoando corpos, cosmovisões, saberes, memórias e extermínios da natureza por uma busca incessante em afastar a humanidade da natureza e as formas de vida ligadas a ela. Essas que são descritas como selvagens, sinônimo de brutalidade na lógica de que são frutos de uma impregnação com o *natural*. Ao passo em que se aniquila essas existências com uma perversidade genocida que foi criada, plantada, germinada e desenvolvida de forma *artificial* pelos estados, nações e civilizações.

Uma das consequências desses processos narrados é o apagamento, primeiramente físico, mas também simbólico e epistêmico, do povo indígena que vivia junto das águas termais do Cubatão. E, o fato de que dentre os poucos registros sobre essas pessoas sejam em sua maioria menções como “obstáculos do progresso” e “silvícolas”, apoiando-se em um discurso de uma “guerra justificada”, demonstra como as cicatrizes do passado colonial, marcada sobre tantos corpos e seres, dominou as histórias que são contadas sobre essas vidas. Ainda mais quando, devido à falta de registros, ficamos reféns dos arquivos preservados. Afinal, se um documento histórico é resultado do contexto em que foi produzido, o arquivo e suas formas e sistemas de classificação são, sobretudo, frutos de uma política colonial. Conforme pontuado pelo historiador Achile Mbembe: “o arquivo é fundamentalmente uma matéria de discriminação e seleção, que, no final das contas, privilegia alguns documentos escritos e nega privilégios a outros julgados “inarquíváveis” (2002, p. 2). E, é neste impasse, que a partir das Caldas da Imperatriz surge as *Caldas dos Bororenos*.

Em uma tentativa de como sugerido por Walter Benjamin realizar “a missão de escovar a história a contrapelo” (2016, p. 13), o historiador Benedito Preziosi em seu livro intitulado como *História da resistência indígena: 500 anos de luta*, traz a história de resistência do povo

indígena que vivia na localidade. Sendo um dos principais pontos de fonte de águas quentes que jorravam das caldas do rio Cubatão em temperaturas de 29 °C, onde foi construído uma estância termal que é hoje o Hotel Caldas da Imperatriz²⁴. A estância é regida sobre o decreto de Dom João VI de 1818, instituída como a primeira estância termal do Brasil, e desde então, possuiu forte relação com a monarquia brasileira, a exemplo da visita de Dom Pedro II e a Imperatriz Teresa Cristina em 1845, dando origem ao nome da estrutura do local. As marcas da visita aparecem também nos monumentos da cidade, que a partir de 1948 deixa de se chamar Santo Amaro do Cubatão, e em homenagem a Imperatriz, passa a ser intitulada como Santo Amaro da Imperatriz.

Entretanto, após a descoberta das águas quentes e suas propriedades curativas pelos colonos locais, estendendo-se ao império, os militares enviados para a construção da estância encontraram a resistência daquelas(es) que já viviam próximo das águas. Assim, para concretizarem seu plano, os indígenas foram alvos de genocídio. Portanto, com a proposta de resgatar essas histórias, Benedito Preziosi aponta que tratando-se da colonização, os aspectos das tentativas de extermínio estão se tornando cada vez mais presentes, mas ainda há um apagamento das resistências empregadas pelos povos originários. E, dentre os episódios pesquisados e resgatados pelo historiador, está a defesa dos *Bororenos* a sua existência junto as águas termais do Cubatão.

É importante frisar que quando deparadas(os) com os arquivos e histórias que são sobretudo de vidas, que trago para a reflexão a partir do que Judith Butler em seu livro *Quadros de guerra* nomeia como “vidas não passíveis de luto”, é preciso pontuar o papel do colonialismo na definição de quem merecer ser enlutado nas sociedades colonizadas. “A condição de ser enlutado precede e torna possível a apreensão do ser vivo como algo que vive, exposto a não vida desde o início.” (2015, p. 33). Sendo assim, a lamentação de uma vida perdida é uma marca do reconhecimento de vida. Por isso, quando os povos indígenas clamam aos não indígenas que parem de matar os rios, não se trata de um chamado ao cuidado dos nossos recursos e potenciais energéticos, mas um apelo de que parem de matar essas vidas. Quando Douglas Krenak, liderança do povo Krenak comenta com profunda tristeza que “Watu Kuém” (o Grande Rio morreu), é devido a fala dita em seguida de que “o rio é um membro do nosso povo”²⁵. Ailton Krenak pontua que “quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus

²⁴ A proposta inicial da estância termal Caldas da Imperatriz era de ser regida pelas mesmas normas que na época era regida a estância termal Caldas da Rainha, em Portugal.

²⁵ Entrevista de Douglas Krenak dada ao G1: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/video/indios-krenak-estao-de-luto-pela-morte-do-rio-doce-4665148.ghtml>. Acesso em: 15/03/2023.

sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos [...]” (2020, p. 49). E, quando a colonização se impôs e despersonalizou as vidas não humanas, também despersonalizou as pessoas que são filhas(os), netas(os), sobrinhas(os) e parentes dessas montanhas, matas, florestas e rios. Relegando a sub-humanidade aquelas(es) que diferente da lógica colonial da branquitude não são donas(os) da terra, mas a própria terra. A exemplo, quando decidido que as águas do rio Cubatão tinham utilidades, inclusive econômicas, se iniciou um violento ataque a toda a potência de vida que ali existia. E quando nessa empreitada de “guerras justificadas” vidas são ceifadas, fica explícito quem são as(os) que a existência é passível de luto.

Figura 7: Cartaz de divulgação do minimonumento Água De Colonial ao lado da placa em memória aos militares que empregaram ações de extermínios dos bororenos. Fonte: companhiascolonizadora.



Essa contextualização é necessária para compreendermos que se “sem a condição de ser enlutada, não há vida, ou, melhor dizendo, há algo que está vivo, mas que é diferente de uma vida.” (BUTLER, 2015, p. 33). A historiografia que trata de processos colonizatórios opera sobre arquivos que são cemitérios lotados de túmulos vazios, pois não fazem o reconhecimento

da vida perdida, mas que apontam esses aniquilamentos pelos documentos de sentenças de mortes (normalmente em tons discursivos de que avancem o progresso e a civilização). Dessa forma, é imprescindível que esteja posto o embate moral e ético que envolve o relacionar-se com esses arquivos, como bem observado e denunciado por intelectuais que olham para os arquivos sob uma ótica decolonial. Afinal, mesmo que buscando escrever essa história considerando aspectos contrários ao do colonizador, ainda assim, estamos suscetíveis a cometer mais violências. E essa possibilidade precisa ser constantemente considerada²⁶.

A escolha de Prezias em nomear esse acontecimento como resistência dos Bororenos é firmado no relato do pintor Jean Baptiste Debret, que em uma das litogravuras presentes no livro *Viagem Pitoresca e histórica ao Brasil*. Em sua passagem em Santa Catarina, Debret vai próximo das Caldas do Cubatão, e assiste um líder indígena preparando-se para um ataque de resistência, ao qual nomeia como “*chefe dos Bororenos*”. Apesar da controvérsia da figura de Jean- Baptiste Debret, assim como de outros viajantes europeus que produzem registros sobre o Brasil a partir do seu olhar eurocêntrico e colonial, Benedito toma como posição o seu relato. Primeiramente, por ser um dos poucos que podem ajudar a identificar o povo que vivia especialmente naquela localidade, descrevendo os *Bororenos* com um povo indígena de biotipo seguramente formado de miscigenação com africanos escravizados fugidos da região, que foram dizimados no processo de construção da estância termal (PREZIA, 2015, p. 16). Dentro dessa teorização também é importante citar os trabalhos de pesquisadores indígenas que auxiliam na problematização feita acima, acerca dos limites que pessoas não indígenas precisam traçar quando escrevem e pesquisam histórias de povos indígenas.

Os pressupostos de dizimação fazem parte do discurso colonial e racista anti-indígena, que precisa ser combatido por essa proposta de descolonização, como sinalizado por Geni Núñez: “Temos dito no movimento indígena, que a colonização não acabou, mas nós também não.” (2022, p. 94). Além desse, a necessidade da exigência correspondente ao estereótipo colonial da “cara de índio” para serem considerados como indígenas de povos que são reconhecidos pelo Estado brasileiro (a exemplo de Santa Catarina, os Xokleng, Kaingang e Guarani), também impera na lógica colonialista. São formas violentas de dificultar a identificação dos povos originários. Mesmo que já se compreenda que uma pessoa não deixa de ser considerada branca ainda que tenha parentes não-brancos, ou que uma pessoa negra não se torna negra-branca por ter parentes brancos, as pessoas indígenas ainda sofrem com a expectativa do purismo racial (NÚÑEZ, 2022, p. 71). Por fim, o objetivo desse trabalho ao

²⁶ Ver mais em: Vênus em dois atos – Saidiya Hartman. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 20/03/2023.

propor o debate sobre a nomenclatura *Bororenos* é de instigar essas outras reflexões. Considerando, que para Prezia resumi-los apenas a Xokleng seria novamente uma forma de invisibiliza-los, pois excluiria a presença de pessoas da diáspora africana na constituição da identidade do grupo, seja através da miscigenação, mas também nas trocas e construções de formas de existência coletivas entre si e com o meio. Igualmente, os povos indígenas também aplicam essa noção de identidade indígena que reconhece a multiplicidade, na aparência, na cultura e nas trocas com outros povos. Considerando a existência de uma política no Brasil de não reconhecimento de pessoas indígenas, em uma tentativa de nomeá-las apenas como “descendentes de indígenas”, facilitando assim a violação de seus direitos, como o direito às terras originárias.

Por conta dessas exigências para a validação enquanto indígenas, de se viver em território demarcado, falar a língua indígena e apresentar aparência física correspondente ao estereótipo, são abertas fissuras para anulação de direitos como a proposta pela Tese do Marco Temporal. A partir dela, é discutido o direito à terra somente aos povos que estão e estavam no mesmo local na data de promulgação da Constituição. Ignorando toda a violência que faz com que essas terras tenham que estar sendo constantemente retomadas, e ainda, condenando a fixação aos povos que são caracterizados pela caminhada e pelo movimento. Nesse caso, ressalta-se a resistência e luta dos Laklãnõ/Xokleng de Santa Catarina protagonistas desse processo empregado pelo Estado de Santa Catarina contra o povo do Vale do Itajaí no reconhecimento da Terra Indígena Ibirama-Laklãnõ. O julgamento que configura um dos maiores retrocessos aos direitos dos povos originários começou a ser votado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em junho de 2023, mas nesta data foi suspenso por pedido de vista do ministro André Mendonça²⁷. Trata-se de um dos julgamentos mais importantes da história recente, capaz de implicar em todo o funcionamento dos critérios para demarcação das terras indígenas no Brasil, e deve seguir em votação ainda neste ano.

Deste modo, é em meio aos atravessamentos desses diferentes graus de tentativas de apagamentos, e utilizando-se do trabalho desenvolvido por Benedito Prezia mas também da arte, da estratégias de narrativas e dos artifícios linguísticos, que a Companhia Descolonizadora cria a solução de limpeza corporal Água de Colonial Caldas dos Bororenos. Tendo como objetivo, reivindicar a memória dos Bororenos. E que a partir do desconhecimento despertado no público resulte uma inquietação acerca da origem desse sentimento. Afinal, se desconhece por que em um intenso processo de violência, foram negados o direito a existência, ao luto e ao

²⁷ Ver mais em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=508605&ori=1>. Acesso em: 08/06/2023.

reconhecimento de suas vidas. Ao ponto de não serem nomeados de outra forma, que não por uma rápida citação no caderno de viagens de Jean Baptiste Debret.

Corroborando a conjuntura trazida por Benedito Preziosi e a Companhia Descolonizadora, e a própria discussão sobre a Tese do Marco Temporal, também nociva aos povos quilombolas, cita-se a existência do Quilombo Caldas do Cubatão. Localizado a 550 metros do hotel, foi certificado em 2010 pela Fundação Cultural Palmares, mas segue em luta aguardando conclusão do laudo antropológico pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)²⁸ 13 anos depois. Dentre os moradores do território quilombola, estão os descendentes de Marco Manoel Vieira, Ignácio Antonio da Silva, Francisco Maximiano, Miguel de Souza e Francisco Tolentino Lemos. Esses que foram trazidos forçadamente para a região para serem escravizados no cultivo de terras e na construção da Estância Termal em Santo Amaro da Imperatriz.

É neste contexto de resistência intensa, desde o primeiro contato com os colonizadores, que as águas são simbolizadas como anticoloniais. Apesar do árduo processo de contaminar, mutilar e sedentarizar os cursos do rio, a mesma água que corre por dentro do Hotel que foi nomeado como Caldas da Imperatriz, desce o morro e atravessa a comunidade quilombola Caldas do Cubatão, como em um ato comovente e alusivo da sua potência e movimento de resistência aos ataques da colonização. Por isso, o ingrediente base do minimonumento é Água De Colonial.

²⁸ O processo de número 54210.000818/2009-22, foi aberto em 2009. Ver mais em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/noticias/incra-informa-sobre-o-processo-de-regularizacao-da-comunidade-quilombola-caldas-do-cubatao-sc>. Acesso em: 02/02/2023.

Figura 8: Caixeiro-viajante realizando a coleta da Água dos Bororenos. Fonte: Instagram da companhiadescolonizadora.



Posteriormente a retirada das águas, acontece a etapa de preparação da solução, adicionando substâncias que igualmente atuam como agentes anticoloniais: o Tutol Sassafrás (árvore ameaçada de extinção devido intensa extração de madeira no século passado) e o Capim-Limão Brasileiro. Esta ação é acompanhada pela orientação e supervisão da equipe que une o Departamento de Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e o Departamento de Farmácia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), através do trabalho conjunto do professor e doutor Thiago Caon, da professora doutora Karen Luise Lang e da farmacêutica Ana Elisa Righetti.

Figura 9: Ação de adicionar a Sassafrás e capim-limão Brasileiro a Água De Colonial. Fonte: Instagram companhiadescolonizadora.



Dentre as diferentes faces da colonização e do colonialismo, o etnocídio foi uma das práticas empregadas “como uma ação específica de fazer morrer os saberes, os modos de vida e de cosmovisões dos povos originários Abya Yala” (NÚÑEZ; BARBOSA; GUEDES; OLIVEIRA, 2020, p. 158). É fruto da lógica colonial em que todos os costumes dos povos indígenas foram vistos como uma ameaça a ser destruída e substituída pela doutrina cristã. Porém, como em resposta a colonialidade, a retomada segue acontecendo, em diversos territórios, corpos e memórias, em um mergulho nas águas da ancestralidade. A exemplo, o movimento de Walderes Coctá Priprá²⁹ da Terra Indígena Bugio, com Marlene Patté e João Patté da Terra Indígena Barragem, ao qual o caixeiro-viajante Silfarlem teve trocas em meio a encontros que tinham como objetivo o de resgate das histórias vividas pelos Laklãnõ/Xokleng. Espaços em que se falava sobre as lutas atuais, as quais uma delas é o reavivar o preparo e uso

²⁹ Ver mais em: PRIPRÁ, Walderes Coctá. **Lugares de acampamento e memória do povo Laklãnõ/Xokleng**. 2021. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2021.

de ervas e plantas medicinais utilizadas historicamente. Por isso também da apresentação do Sil ao Grupo Raízes da Medicina Tradicional Laklãñ – Déj Vanhkógtó, localizado em José Boiteux, e que Marlene e João fazem parte. Em um dos trabalhos do grupo, o Tutol Sassafrás e o seu uso medicinal foram discutidos: “O Sassafrás usamos para fazer chá, também colocamos lascas da madeira no álcool para passar na pele e fazer massagem. Desde que Eduardo³⁰ tirou a gente da mata começaram as doenças e os comprimidos”³¹. Da mesma forma, associado a esses elementos, conforme presente na bula entregue junto com o minimonumento, a Água De Colonial “mescla em sua fórmula revulsiva e desintoxicante substâncias nativas com elementos históricos do passado e do presente”. Dentre eles o Capim-Limão Brasileiro (Capim-Carona), planta nativa do Sul do Brasil, completando a solução com seu potente e refrescante aroma.

Por fim, como todo trabalho da Companhia Descolonizadora Ações e Intervenções é também de apresentação, todas as execuções descritas acima, tratava-se de performances e intervenções para o público presente, além dos registros de forma digital, que atuaram também como divulgação da ação, especialmente através de um perfil no Instagram da companhia (@companhiadescolonizadora). A relação da companhia com o meio digital, também coloca em voga a questão da arte contemporânea com a tecnologia, como a própria utilização da fotografia, que evidentemente modificou a relação dos artistas com o mundo. A fotografia que foi criada em um contexto de desenvolvimento da economia ocidental (a custo da expansão colonial), servindo essencialmente para auxiliar no controle da população, através do surgimento das carteiras de identidade, dos modelos antropométricos, da etnografia ultramar e toda a documentação dos lugares a serem explorados e saqueados. Mas, que ao entrar em contato com a arte, pode ser transformada em *possibilidades de vida*, de acordo com a expressão de Nietzsche. “Em outros termos, consiste em subverter a autoridade da técnica e torná-la capaz de criar maneiras de pensar, ver e viver” (BOURRIAUD, 2009, p. 96). Com o uso da fotografia e de outras tecnologias, é possibilitado à companhia alcances em uma velocidade e proporção maior, extrapolando ainda mais os âmbitos da sociabilidade e da interação.

Dentre as ações de apresentação do que foi feito em cada etapa da intervenção, estão as divulgações da iminente chegada do caixeiro viajante: o cartaz e o jingle produzido pela

³⁰ Trata-se de Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, um servidor do Sistema de Proteção ao Índio (SPI) designado para a pacificação junto ao povo Xokleng. Durante este período assassinou, violentou e escravizou o grupo, além de expropriar e vender suas terras. Ver mais em: <https://cimi.org.br/2020/10/pacificacao-xokleng-armadilha-violencia-esbulho-territorial/#:~:text=O%20tal%20'Eduardo'%20era%20Eduardo,%C3%A0%20escravid%C3%A3o%20e%20vendo%20as>. Acesso em: 08/06/2023.

³¹ Relato retirado do Instagram da @companhiadescolonizadora.

companhia descolonizadora. Esses, circularam nas redes sociais, nos espaços de divulgação e mesmo na inauguração do minimonumento.

Figura 10: Cartaz de divulgação da Água De Colonial. Fonte: Instagram da companhiadescolonizadora.

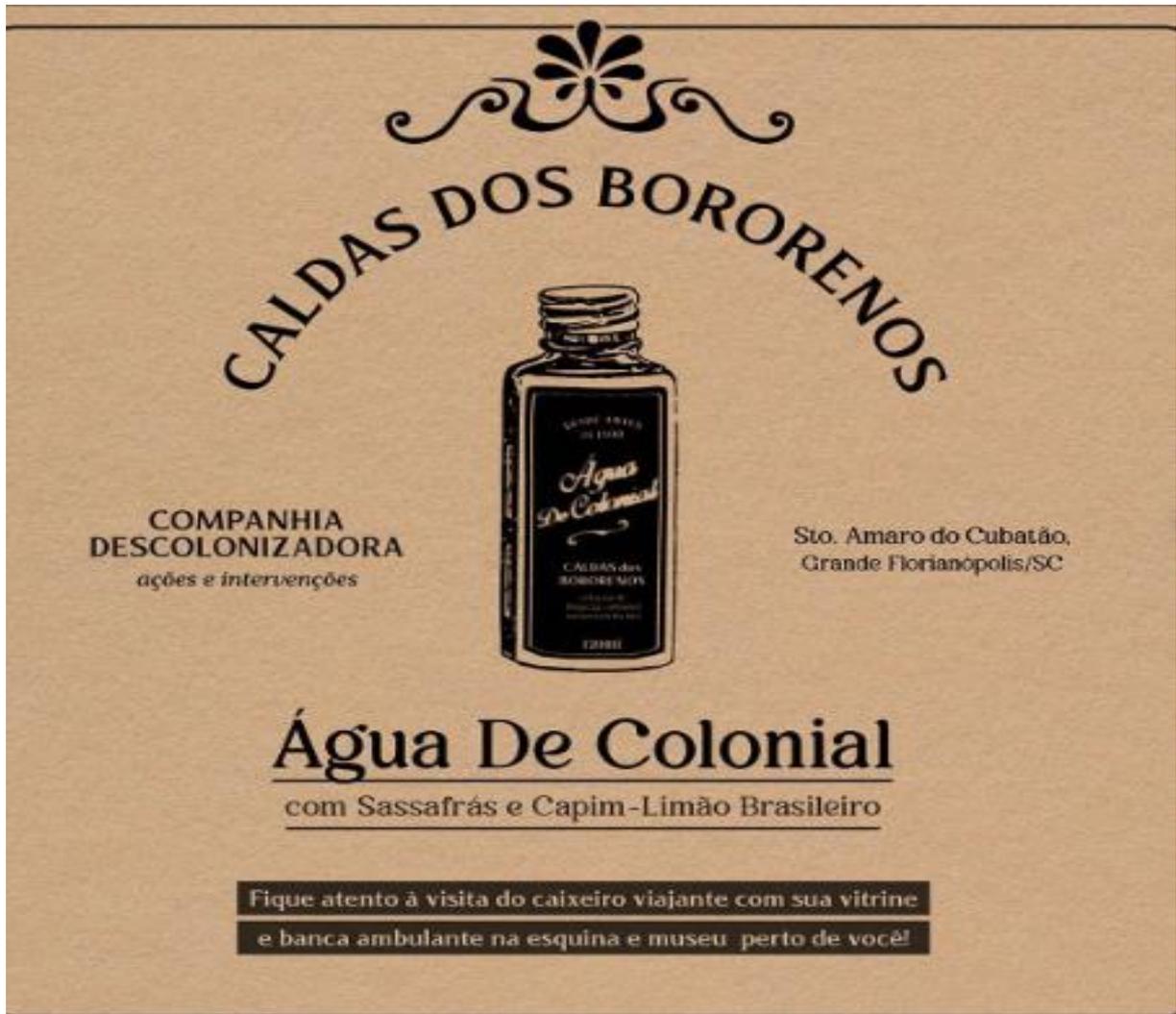


Figura 11: Cartaz de divulgação da Água De Colonial. Fonte: Instagram da companhiadescolonizadora



Jingle do minimonumento Água De Colonial. Fonte: Instagram da companhiadescolonizadora.

*Desde antes de 1500
As Caldas dos Bororenos
Jorram do Cubatão.
Não, não,
Não é Água de Colônia
Nem obelisco da Imperatriz.
É minimonumento e Água De Colonial.
É para os Bororenos
Kaingang, Xokleng e Guaranis
- Eduzeck @estudiopro*

Assim, retornamos ao objeto/intervenção minimonumento e produto de limpeza corporal anticolonial, e a sua apresentação ao público dos 14 municípios contemplados pela ação. Dentre as orientações sobre o sentido e uso da obra, na bula que também acompanha o minimonumento, frisa-se que se trata de “um composto estético-sensorial-descritivo”. Seu uso é recomendado sobre a pele para o tratamento e combate das narrativas de invisibilidade, racistas e com discursos de ódio, pois ele “tanto neutraliza substâncias e elementos discriminatórios incrustados nos corpos e camuflados na vida, quanto auxilia (trata) os corpos acometidos pela discriminação”. Igualmente, por ser um produto duplamente estético é ressaltado também sua funcionalidade enquanto uma intervenção descritiva contra os monumentos coloniais, recomendando que cada frasco de Água De Colonial seja exposto em lugar visível. Servindo como um minimonumento móvel em memória aos povos indígenas, e assim, “com esse singelo gesto, cada pessoa-usuária ajuda a combater as narrativas de ocultamento vigentes em nossos dias”.

Portanto, como referenciado anteriormente, devido ao violento projeto do colonialismo - em voga até hoje - que promoveu apagamentos das histórias de diversos povos, territórios e sujeitos, é urgente e potente as ações que tensionam movimentos de descolonização em todos os espaços, das mentalidades e nas práticas de produção de arte e de conhecimento. Como trazido por Bourriaud, se na busca por emancipação a modernidade não poupou esforços contra as comunidades e seu domínio sobre os indivíduos (crítica a alienação coletiva), que resultou em um individualismo contemporâneo enfurecido. Hoje, é preciso frear os ataques às pulsões coletivas, retomar as ideias de pluralidade, inventar novos modos de estar-juntos, novas formas de integração. “O mais urgente não é mais a emancipação dos indivíduos, e sim da comunicação inter-humana, a emancipação da dimensão relacional da existência” (2009, p. 84). E, para esse projeto, a arte tem enorme maestria, especialmente aquelas que inspiram e extrapolam as múltiplas possibilidades de relações com a(o) outra(o), na qual a obra fala e dá poderes às microcomunidades que se associam livremente. Pois, como posto por Krenak (2020), ao ouvir o que os rios têm a nos dizer é possível saber que o futuro é ancestral, e como constatado em uma das falas da liderança e ministra dos povos indígenas Sônia Guajajara: “A ancestralidade sempre ensinou que o sentido da vida é coletivo”³².

³² Fala feita em entrevista dada a Carolina Franco. Disponível em: <https://shifter.pt/2020/05/sonia-guajajara-entrevista/>. Acesso em: 15/02/2023.

CAPÍTULO 2:

OUTROS MOVIMENTOS

2.1 DE CHAPECÓ ATÉ SANTO AMARO DA IMPERATRIZ

Era um final de tarde de novembro de 2022 em uma livraria localizada na cidade de Chapecó/SC, em meio a centenas de livros, HQs e mangás. Conversávamos eu e o professor Ricardo Machado sobre as possibilidades de um trabalho de conclusão de curso que tratasse de arte contemporânea, águas termais, memória, monumentos, e o que mais o movimento das águas nos conduzisse. Diante desta empolgação e otimismo, o Ricardo me sugeriu “E se você viajasse até Santo Amaro da Imperatriz para conhecer as fontes termais e escrevesse textos narrativos da sua viagem para compor o trabalho?”. Lembro-me exatamente de todos os pensamentos de reprovação a proposta que surgiram a mente. Mas, por fim expressei um singelo e tímido “É, isso seria muito legal”. Quando o que eu queria mesmo era falar “com que dinheiro irei financiar esta viagem?”, ou “na verdade eu nunca fiz uma viagem sozinha, eu nem sei como fazer isso de ser uma viajante pesquisadora”. Ou, ainda que mergulhada nos estudos decoloniais e em corroboração a posições metodológicas de que eu iria me situar e aparecer nesta pesquisa, especialmente enquanto uma pessoa branca falando sobre processos frutos de violências étnico-raciais, também pensei “escrever um texto em primeira pessoa? Me colocar tanto no texto a ponto de escrever uma narrativa pessoal de uma viagem? Nem pensar”. E, é sobre esses pensamentos que começo a escrever em meu caderno de diário de viagem (admito que é na verdade um aplicativo do meu smartphone), enquanto estou no ônibus, sozinha, em deslocamento até Santo Amaro da Imperatriz.

Quando determinei que no meu trabalho de pesquisa pretendia ter o cuidado para que o privilégio ontológico de expor e não ser exposto fosse questionado, revisitei o processo de reconhecimento da minha branquitude. Lembrando que enquanto uma pessoa branca nunca fui incentivada a me pensar enquanto um sujeito em termos raciais, ainda que fruto de uma relação interracial. Se quer por mais da metade da vida fui nomeada como tal. Mesmo que tenha vivido e experienciado a infância e adolescência em uma cidade, que assim como todo o país, é terra indígena. Ainda que tenha crescido em um município que compreende a 36% da T.I. do Guarita, o maior território demarcado do estado do Rio Grande do Sul. Embora habitante de Redentora,

terra dos povos Kaingang e Guarani, em que a população de 9.738³³ habitantes, são aproximadamente 4.000 mil indígenas³⁴. Fato que as questões étnico-raciais eram presentes na cidade. A violência³⁵, as tentativas de apagamento e de negação eram expressas suas mais variadas áreas, desde a existencial ou quando tratado de acesso a direitos. Eram escancaradas em falas que ouvia em casa, na rua, na escola e em todo espaço público que frequentei. Lembro-me também de ouvir adultos mais próximos comentarem sobre como existia sim uma questão de preconceito/racismo nas relações que estruturam a cidade, mas como esses comentários induziam que o problema não era coletivo, mas das pessoas que sofriam com a violência racial.

Somente com a chegada de meu sobrinho Roger Gojmág (*Rio Grande* em Kaingang) e, posteriormente de Anita Gojkané (*Vertente- água limpa* em Kaingang), que os aniversários e feriados comemorativos também viraram momentos em que a família paterna das crianças e a família da minha irmã se encontravam, e então, passei a ouvir falas como “os brancos” ou “os *fóg* – significado de não-indígena em Kaingang”. Foi quando finalmente senti que fui nomeada racialmente. E, a partir de então, iniciei o entendimento de que não podia mais me conformar com o que posteriormente elucidei de acordo com o que Robin DiAngelo³⁶ chama de “uma espécie de inocência racial”. Essa estratégia que nós pessoas brancas de forma desonesta buscamos amparar-se. Igualmente DiAngelo também afirma: “Ao racializarmos o outro e não a nós mesmos, nos conferimos objetividade, chamada universalidade”. Assim, a problemática das pessoas brancas em uma sociedade construída a base de exploração e expropriação de pessoas não-brancas desde 1500, estende-se para além do reconhecimento de que existe racismo. É preciso que encaremos nossa branquitude constantemente, para que seja possível questionar como fazemos parte cotidianamente da construção desse sistema racista. Portanto, trago neste texto a minha experiência pessoal com meu reconhecimento identitário, pois a brutalidade do racismo influenciava a minha existência antes mesmo de eu nascer³⁷. E, ainda, o processo intenso de internalização racista que tive na infância e parte da adolescência não

³³ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/redentora.html>. Acesso em: 10/05/2023.

³⁴ Ver em: <https://www.redentora.rs.gov.br/site/noticias/censo-2022/78269-conferencia-do-censo-na-terra-indigena-foi-concluida#:~:text=S%C3%A3o%20mais%20de%204%20mil%20ind%C3%ADgenas%20morando%20em%20Redentora>. Acesso em: 02/02/2023.

³⁵ No norte do Rio Grande do Sul indígenas enfrentam fome, falta d’água e de atendimento médico. Ver em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/02/04/no-norte-do-rio-grande-do-sul-indigenas-enfrentam-fome-falta-d-agua-e-de-atendimento-medico>. Acesso em: 04/02/2023.

³⁶ Diálogos: o branco na luta antirracista: limites e possibilidades. Instituto Ibirapitanga. link: <https://www.youtube.com/watch?v=zeol8kw8j7m>. Acesso em: 04/02/2023.

³⁷ Maior terra indígena do Rio Grande do Sul registra morte de seis bebês em dois meses. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/02/03/maior-aldeia-indigena-do-rs-registra-morte-de-seis-bebes-em-dois-meses-dizem-liderancas.ghtml>. Acesso em: 02/03/2023.

podem ser negados ou apagados, mesmo que a minha consciência adulta hoje, busque constantemente uma educação e compromisso antirracista. Pois, o fato é que eu nasci, cresci, brinquei, estudei, entrei uma graduação, e hoje, trabalho, escrevo, me movimento e existo a partir do conforto racial que me é garantido como pessoa branca.

Do mesmo modo, outro aspecto que julgo necessário discorrer e que também envolve esse local social que ocupo em nosso contexto econômico, racial, de gênero e sexual, refere-se ao conceito de interseccionalidade desenvolvido por Kimberlé Crenshaw³⁸. Afinal, em alguns contextos a minha identidade racial se sobressai, e em outros o meu gênero é quem orienta as condições e conduções das minhas vivências. E viajar sozinha, assumir o papel de viajante pesquisadora, era algo que me preocupava enquanto mulher. Inicialmente, devido ao medo de estar só em qualquer lugar de um país marcado por altos índices de violência de gênero. Sei que o medo sentido quando andamos a noite nos nossos bairros, em nossas cidades, por ruas que conhecemos tanto, igualmente será sentido em uma viagem, em um ambiente ainda desconhecido. Afinal, como nos provaram as primeiras que ousaram e as que ainda ousam introduzir-se em espaços simbolicamente masculinos: o gênero também determina as experiências, as possibilidades e os resultados de uma viagem.

Esta questão fazia parte da correnteza de inseguranças que me levavam a pensar que a viagem, o movimento, a escrita pessoal e narrativa, não eram caminhos possíveis para este trabalho. Mesmo que no fundo eu tinha a intenção gigante de me comprometer com o trajeto. A mesma sensação ocorreu diversas vezes em que saí de casa disposta a ir banhar-me em alguma cachoeira ou riacho próximo. Normalmente em dias muito quentes. Eu sentia que aquele ato era na verdade uma necessidade básica de todo ser vivo. Mas ao chegar no destino, por algum motivo, me sentia presa à beira da cachoeira. Com medo de entrar nas águas, com receio do frio que iria sentir quando decidisse sair do gelado delas. E toda vez, eu tinha que me lembrar do porquê eu estava ali, da vontade e da necessidade que senti por este momento. Isso também aconteceu em diversos momentos da construção desse trabalho, em que me encontrei de alguma forma a embargar o meu processo, por medo de me molhar nas águas que eu mesma

³⁸ Kimberlé Crenshaw (1959) é uma professora universitária estadunidense, defensora dos direitos humanos e estudiosa da teoria crítica da raça. Foi a introdutora e desenvolvedora da teoria da interseccionalidade, que estuda a relação entre as identidades sociais em questões relacionadas à opressão e a discriminação. De acordo com Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade trata-se de pensar a identidade e sua relação com o poder, não sendo exclusiva para mulheres negras, assim, as mulheres não-negras devem pensar de modo articulado suas experiências identitárias. Ver em: CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum, n. 1, p. 139-167.

fui a encontro. Então, era obrigada a me lembrar de algo que aprendi com os movimentos que estudava para esta pesquisa: se parar, a gente sedentariza.

Portanto, começamos a nos movimentar para fazer essa viagem acontecer, e umas das exigências primordiais era o aporte financeiro. Para isso, elaboramos venda de vales de garrafas de vidros de 8ml de águas termais, que eu coletaria e traria do fontanário de Santo Amaro da Imperatriz. Além da oportunidade de terem uma amostra das águas termais com propriedades terapêuticas que jorram do Cubatão, que também servia como um símbolo da contraposição a colonização que as águas inspiram, bem como dos grupos que resistiram e resistem em sua defesa. As pessoas que compraram os vales colaboraram para que o trabalho “Água De Colonial: performance, antimonumento e movimento como gesto anticoloniais” exista hoje.

Figura 12: Garrafa de vidro com 8 ml de água termal. Fonte: Arquivo pessoal



Figura 13: Vale de água de colonial. Fonte: Arquivo pessoal



Com o recurso que veio desse movimento coletivo, iniciei o processo de me preparar para a viagem. Me certifiquei das férias no trabalho, das minhas reservas financeiras e das leituras sobre a cidade. Por fim, no dia 8 de janeiro embarquei em um ônibus em Chapecó/SC em direção a capital, Florianópolis/SC. Em decorrência das grandes expectativas em relação ao percurso que iniciava, após refletir sobre as questões descritas acima, tomei um medicamento muito recomendado em casos em que se precisa dormir em viagens longas. Por fim, me entreguei ao embalo da estrada durante as mais de 9 horas de viagem.

Na manhã seguinte, já em Florianópolis, embarquei em um ônibus intermunicipal que possuía em todo seu comprimento um design escrito “Imperatriz”. Aproximadamente 40 minutos depois, cruzamos a placa de entrada da cidade de Santo Amaro da Imperatriz escrita com uma fonte que remete ao gótico. Depois repararia que fontes semelhantes seriam utilizadas em diferentes locais da cidade. Esse gesto sutil, indica uma vontade recente de associação com referências passadistas, ou melhor, um passado específico.

Figura 13: Ônibus intermunicipal de Florianópolis para Santo Amaro da Imperatriz. Fonte: Arquivo pessoal



Figura 14: Arco de entrada no município de Santo Amaro da Imperatriz. Fonte: Arquivo pessoal.



Poucas semanas antes da minha viagem, fortes chuvas atingiram o litoral de Santa Catarina, e os municípios que são compostos pelo curso do rio Cubatão decretaram estado de emergência devido a imersão das suas águas, e no caso de Santo Amaro chegou em uma situação de calamidade pública³⁹. Portanto, também buscava na paisagem resquícios e marcas da destruição que havia visto nos jornais e portais de notícias. Nos dias de dezembro em que fazia esse acompanhamento diário para descobrir como estava a situação dos alagamentos e enchentes no Estado, especialmente na cidade de Santo Amaro da Imperatriz, também me dediquei em pesquisar os processos que levaram até aquela condição. Descobri que não era a primeira vez que o município vivenciava uma tragédia como aquela, e que existiam lembranças muito fortes na memória dos habitantes da enchente de dezembro de 1988⁴⁰, e da enchente do dia 25 de dezembro de 1995⁴¹, ou para alguns, se não na memória, ouviram histórias sobre a enchente de março de 1960⁴². A cidade é um reflexo do que Krenak aponta acerca de como a fúria dos humanos em ocupar o corpo do rio com suas atividades, faz com que esses lugares maravilhosos se tornem um risco a nossa experiência na terra⁴³. Além disso, é preciso discutir como qualquer ação da natureza afeta a vida das pessoas de formas diferentes, o que faz com que as(os) que materialmente possuem menos, percam suas vidas, sejam feridas(os), adoçam e ainda percam o pouco que se tem. E essa conta é do sistema capitalista e seus mandatários.

Dentre as imagens que mais vi durante as atualizações da enchente, foram as da Rua Beira Rio, em que ao lado o rio Cubatão corre. E foi nesta rua que desembarquei do ônibus, exatamente na parada que havia visto fotos dias anteriores, ao qual o nível do rio havia subido significativamente.

³⁹ Ver em: <https://www.jdv.com.br/santo-amaro-da-imperatriz-declara-calamidade-publica-com-1-500-pessoas-fora-de-casa-apos-chuvas/>. Acesso em: 02/01/2023.

⁴⁰ Em dezembro de 1998 Santo Amaro da Imperatriz foi arrasada por uma enorme enchente. Ver em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=907978362594212&set=a.686003531458364>. Acesso em: 01/01/2023.

⁴¹ Natal em Estado de Calamidade: dia 25 de dezembro de 1995. Ver em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=810784355646947&set=a.686003531458364>. Acesso em: 01/01/2023.

⁴² Em março de 1960 Santo Amaro vivenciou uma intensa enchente em que o nível do rio Cubatão atingiu 9 metros. Ver em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=856579877734061&set=a.686003531458364>. Acesso em: 01/01/2023.

⁴³ Fala feita na aula-espetáculo: os rios e as cidades. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eeiWBxaZ2is>. Acesso em: 02/02/2023.

Figura 15: Rua Beira Rio no dia 30/11/22. Fonte: <https://ndmais.com.br/tempo/fotos-chuvas-deixam-5-familias-desalojadas-e-santo-amaro-da-imperatriz-decreta-emergencia/>.



Figura 16: Rua Beira Rio no dia 09/01/2023. Fonte: Arquivo pessoal



Enquanto esperava o horário de me deslocar até o hotel Caldas da Imperatriz, resolvi caminhar pela cidade conforme as águas que a cruzam me deslocavam. Tem algo no caminhar sozinha que aprecio muito, que é o discutir consigo mesma sobre o caminho que se apresenta. Não há tanto espaço para outras questões quando se vê um ambiente novo sozinha e há poucas distrações que levam a não refletir sobre o impacto que sente diante da paisagem que vai se configurar a sua frente, da qual você nada espera, ao mesmo tempo, que sente poder encontrar tudo. Na ausência de outra pessoa, as demais vidas nos saúdam e chamam a atenção: as águas, as árvores, as montanhas, o sopro do vento, o cantar dos pássaros e as pessoas que estão fazem seus próprios caminhos. Outra vantagem desses momentos é fazer essas observações no seu próprio tempo, sem precisar justificar a pausa ou instigar a caminhada na(o) outra(o). E nessas, fiquei por uns bons minutos parada em frente a uma imagem do Cubatão que explicitava justamente as discussões já postas. O rio possui suas margens, mas elas não são estáticas. Não tem como prever até onde ele vai se alargar, até que isso aconteça. E mesmo que o ser humano historicamente tenha construído seus assentamentos, suas cidades e suas atividades próximas dos rios, não podem controlar que esses se expandam. Ao olhar para as marcas das margens ampliadas que o Cubatão produziu dias atrás, nessa necessidade de continuar correndo conforme chovia e enchia em outros pontos do seu curso, pensei na complexa organização dos ciclos das águas. Rios, mares e chuvas em toda a sua exigência de escorrer, desaguar, evaporar para subir e retornar, de nunca parar, sempre partir. Água é mesmo movimento em sua essência. Ao refletir sobre, não pude deixar de ligar a resistência e força das águas com a força e resistência daquelas e daqueles que mesmo limitados por uma margem, irão inchar, encharcar e ocupar lugares que a colonização chegou, sedentarizou e colocou como não-lugar para a água e vidas correrem livres.

Figura 17: Imagem do curso do Rio Cubatão após a enchente de dezembro de 2022. Fonte: Arquivo pessoal



Fui interrompida dos meus pensamentos pelos cumprimentos de uma pessoa, possivelmente moradora da cidade, que vinha do outro lado da ponte e agora cruzava por mim. Percebi que ela me olhava com curiosidade quando exclamou “Bom dia, tudo bem?”. Talvez estivesse a me observar parada em frente ao curso do rio por mais tempo que o habitual. Imaginei o que aquela cena poderia ter despertado nela, afinal, a gente se acostumou demais com as coisas vivas à nossa volta. É comum o distanciamento para com o rio que atravessa a cidade em meio a uma rotina que estipula que existe um deslocamento entre a humanidade e a natureza.

Por fim, caminhei por mais alguns lugares, visitei a Igreja, o cemitério, o restaurante bem avaliado no *Google Maps*, fui até o centro da cidade, onde a vida urbana acontecia em um ritmo bem diferente da cidade de onde eu vivo agora, mas no tempo de um município de 23 mil habitantes. Grupos de pessoas mais velhas jogavam dominó nos bancos da única praça existente, às 10 horas da manhã de segunda-feira. Outras mais jovens caminhavam lento entre um estabelecimento comercial e outro. Já no mercado de nome *Imperatriz*, ao qual entrei para comprar uma garrafa de água, prevalecia a correria, as conversas altas e a agitação, pois como

nas falas de uma moradora que estava a minha frente na fila: “Já está na hora de começar a preparar o almoço”. Poucos automóveis trafegando, mas muitos estacionados em toda parte. Carros, motos e bicicletas demonstravam que a maioria da cidade tinha se movimentado cedo naquela manhã. Era uma sensação de diversas velocidades de mundos. O que também é presente em outros ambientes, mas que é menos perceptível se circular rotineiramente por espaços em que todas(os) aparentam estar igualmente correndo contra o tempo. Para dar conta do trabalho, dos estudos, das várias obrigações, da produtividade no máximo de horas do dia. Em que o ócio nem passa pelo imaginário, a não ser como um sonho distante, quando sobra tempo para sonhar.

O irônico é que no momento que estava sentada em um banco da praça a refletir sobre as dinâmicas da vida nas cidades. Enquanto anotava alguns tópicos para escrever depois, pois não queria perder as movimentações que vinham do acirrado jogo de domínio a alguns passos dali, avistei a placa em homenagem a chegada dos imperiais a Santo Amaro da Imperatriz no dia 29 de outubro de 1845. No Brasil, a criminalização da vagabundagem⁴⁴ através de mecanismos jurídicos de controle⁴⁵, também começou com a chegada da família real. Este momento foi o indicativo para seguir até o Hotel Caldas da Imperatriz. Se colocar em movimento, pois ainda tinham muitos mais caminhos para pensar.

Figura 18: Placa de homenagem a chegada do Imperador Dom Pedro II e da Imperatriz Teresa Cristina em Santo Amaro da Imperatriz. Fonte: Arquivo pessoal



⁴⁴ Apesar de toda a conotação negativa direcionado aos denominados como vagabundas(os), o uso do termo é empregado como definição de alguém que está em ócio, que vagueia, que é nômade.

⁴⁵ A criminalização surge como forma de controle de uma população marginalizada ligada à estrutura social escravista vigente. A exemplo, a criminalização da vadiagem entre mulheres negras no contexto estadunidense foi excepcionalmente fabulada por Saidyia Hartman no livro “Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queer radicais”.

Figura 19: Entrada do caminho que leva até Caldas da Imperatriz. Fonte: Arquivo pessoal.



2.2 INVENTAR O PASSADO

“Em dissidência, alguns dizem que o Brasil não foi descoberto, mas invadido. De minha parte como integrante do povo guarani, afirmo que o Brasil não foi apenas invadido, mas inventado” (NÚÑEZ, 2022, p. 32).

Quando estudava sobre a história de Santo Amaro da Imperatriz dias antes de realizar a viagem, fui em busca de bibliografias de historiadores locais. Tinha como objetivo utilizar essas escritas pelo seu potencial em apontar os discursos históricos que regem aquela comunidade. Afinal, como tratado por Michel de Certeau (1982), a escrita da história é sobretudo a produção de um discurso historiográfico, ao qual “o discurso sobre o passado tem como estatuto ser o discurso do morto. O objeto que nele circula não é senão o ausente, enquanto o seu sentido é o de ser uma linguagem entre o narrador e os seus leitores, quer dizer, entre presentes” (p. 56). Mas, foi exatamente neste contato com as narrativas dos presentes que melhor compreendi o que Geni Núñez coloca como invenção de um Brasil, feita através da inversão do passado.

A historiografia, especialmente aquela do século XIX, fez parte da invenção dessa identidade nacional, ao qual, o que se entende por cultura brasileira ser parte imposição colonial, como a língua portuguesa e religião cristã, além de apropriação e apagamento de saberes afro e indígenas. E, isso não poderia estar mais explícito nas dimensões que regem as práticas discursivas criadas em torno das histórias de Caldas da Imperatriz. Fisicamente nas estruturas, extrapola-se diversos artifícios da invenção do passado. O obelisco em homenagem a “monarquia brasileira”. A placa no Hotel que teoriza sobre a provável fecundação da princesa Isabel. A fonte que relaciona Brasil-Portugal. O ato de preservar e expor os talheres que Dom Pedro II usou para se alimentar em 1845. Igualmente, na produção escrita sobre o lugar.

O livro “Caldas da Imperatriz: A primeira viagem do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz em 1845”, do historiador Jose Carlos Petri, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) foi uma das bibliografias que me dispus a analisar. Sua segunda edição foi lançada recentemente, em 2022, e recebeu o prêmio Lucas Alexandre Boiteux de História pelo IHGSC. Também conta com o prefácio de Bertrand de Orleans e Bragança, ao qual, ao fazer menção aos seus antepassados, ressalta “[...] Somos gratos a estes pais da Pátria, corajosos, que passaram por muitas lutas, mas que tudo fizeram para guardar seu povo e seu território”. Para além da romantização perversa dos feitos da família real no Brasil, que levam a questionar os usos e aplicações dessas escritas neste trabalho, por elas é possível perceber como as narrativas coloniais foram criadas pela historiografia. Esta foi por muito tempo uma escrita hegemônica masculina e branca, que fixava o que de grandiosos e memorável fizeram esses homens brancos. Portanto, como negar que “o passado escrito por historiadores não passava de pura ficção, de invenção de uma história” (ALBUQUERQUE JR, 2019, p. 40). A ficcionalização e invenção do passado como uma ferramenta utilizada para justificar a intensa violência destinada aos povos originários “se concretizam em benefícios estruturais à branquitude, que por sua vez se utiliza de diferentes estratégias para tentar dar um sentido ético às suas violências” (NÚÑEZ, 2022, p. 30). Em algumas das passagens do livro a inversão colonial é posta pelo autor a partir de notícias de ataques e “invasões” a engenhos e fazendas da região: “A descoberta dessa nova rota ocorreu depois que a fazenda do Coronel Neves foi atacada [...] A insegurança era preocupante para as autoridades, para os colonos e engenhos” (PETRI, 2022, p. 69), ou “A Fazenda do pioneiro Antônio Lourenço de Medeiros é atacada e incendiada [...]” (PETRI, 2022, p. 29). Neste caso, a estratégia é a de que “ao afirmar que indígenas são invasores, invisibilizam sua própria ação de roubo e invasão” (NÚÑEZ, 2022, p.30). E o resultado dessas inversões atualmente se dá em processos como a Tese do Marco

Temporal, que nega que houve uma invasão desse território, portanto, alega que a reivindicação do direito ancestral da terra não é legítima.

Outro aspecto fortemente presente na história narrada, é acerca de como a criação desta estância termal acontece devido a conhecimentos da família real, advindo de uma herança de antepassados, sobre os benefícios das águas quentes, comuns na Europa. Apesar de pontuar que “Em Caldas, foram achados artefatos líticos no entorno da fonte, relevando acampamentos pré-históricos” (PETRI, 2022, P. 19). Posteriormente, coloca como marco no Brasil a relação do ser humano com práticas de cura pelas águas nas pesquisas das propriedades terapêuticas das águas retiradas das Caldas do Cubatão, que começaram a ser feitas a partir de 1800: “Nossa História começa oficialmente em 1800” (2022, p. 23). Novamente, é uma forma de inversão do passado que tenta a todo custo esconder que esse conhecimento já estava aqui, ao qual, provavelmente tenha sido expropriado, afinal, as expedições oficiais só encontraram a fonte devido aos direcionamentos do povo que ali vivia.

Em outro trecho, o autor comenta que “quando por fim se decidem Suas Majestades a virem à Santa Catarina para inaugurar o Hospital de Caldas da Imperatriz. Esqueceram-se as rixas políticas e o povo se tornou um” (PETRI, 2022, p. 133). A inversão aqui se dá, acerca de uma possível vivência coletiva e solidária em torno da organização da visita imperial. Não é mencionado o fato de que no período a escravização era forte na região, portanto, foram escravizados que exaustivamente realizaram todos os preparativos do evento, desde a construção de estradas, do edifício do hospital e suas instalações, e de todos os serviços prestados na estadia. Os efeitos dos apagamentos desse modo de historiografia não estão deslocados dos discursos racistas de uma Santa Catarina embranquecida. Como pontua Terezinha Silva de Souza, fundadora da associação do quilombo Caldas do Cubatão e neta de Ignácio Antonio da Silva, escravizado na construção do Hotel Caldas da Imperatriz: “A memória deste estado tem mãos negras e sangue do povo escravizado”⁴⁶.

Portanto, apesar de inicialmente ter objetivado me aprofundar sobre as fontes que o livro trazia, quando o arquivo somente a essa ficcionalização colonial tem algo a oferecer, é preciso e necessário imaginar além. Enfrentar o poder e a autoridade dos documentos, tensionar os limites que eles estabelecem sobre o que pode ser conhecido, como propõe Hartman (2022). Acompanhar o caminho que as águas fazem para seguir um curso ético e cuidadoso para que

⁴⁶ Fala dita em reportagem feita pela Folha de São Paulo: **Quilombos do Sul lutam contra o apagamento**. Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/06/quilombolas-do-sul-lutam-contr-o-apagamento.shtml#:~:text=Segundo%20ela%2C%20o%20apagamento%20desses,vistos%20como%20prioridade%2C%20afirma%20Mombelli>. Acesso em: 20/06/2023.

os mortos dos vivos do presente sejam respeitados naquelas(es) que vivem a ancestralidade. Portanto, dispense um extenso material arquivístico, para escorrer em uma narrativa mais íntima, subjetiva e sensorial das histórias que regem o local. Para que, dessa forma, seja possível imaginar outros futuros para os vivos, que interroga a produção do conhecimento sobre o passado feita até então. E buscar um compromisso com a reivindicação sobre o presente que aquelas existências relegadas ao não histórico, ou consideradas descartáveis, nos exigem (HARTMAN, 2020, p. 31).

2.3 ENCONTRO COM AS ÁGUAS: ENTRE AS MARGENS

Cheguei ao Hotel Caldas da Imperatriz próximo das 14:00. Após fazer o *check-in* fui caminhar com o recepcionista do hotel, que me apresentou as estruturas da antiga estância termal como “ala histórica”, ao qual, ele também fazia questão de exclamar seguidamente: “isso é histórico”. Especialmente quando se referia aos quartos (com ênfase no 33, pois Dom Pedro II e Teresa Cristina teriam dormido ali), e as banheiras e objetos que lembravam a visita imperial de 1845. Tentei conseguir informações sobre a construção da estância, ou mesmo, sobre fatos que antecederam o que para eles parecia uma espécie de pré-história. Quase como se aquele espaço só passasse a existir depois daquela visita. Nesse momento, para não soar como se não tivesse nada do que eu buscava para entregar, ele me sinaliza a placa já acima citada, que fazia menção “Em memória aos milicianos d’el-rey de Portugal, aqui mortos pelos silvícolas em 30 de outubro de 1814, quando em guarda a estas já afamadas *thermas*”. Para mim, foi novidade ver o termo milicianos ser utilizado anteriormente às atuações de grupos paramilitares no estado do Rio de Janeiro, mas obviamente, associações de pessoas armadas que promovem chacinas enquanto exercem um controle territorial, é algo antigo neste território. O inusitado talvez seja de que se no governo imperial existiam os milicianos que prestavam serviços ao rei, na república, e especialmente em 2018, a maioria dos brasileiros elegeram como governantes, a própria milícia.⁴⁷

⁴⁷ Na eleição de 2018, com 57,8 milhões de votos, foi eleito como Presidente da República Jair Bolsonaro, ao qual ele e a família possuem fortes relações com a milícia. Além disso, anteriormente e em sua gestão, era explícito em suas falas e ações seu racismo e ataque aos direitos dos povos indígenas e quilombolas. Os impactos de sua política genocida sob vidas (humanas ou não) ainda não puderam ser totalmente dimensionados. Ver em: MANSO, Bruno Paes. **A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

Assim, logo nos primeiros contatos que tive com o lugar, sou atravessada por uma glorificação de um passado ligado a monarquia brasileira, escancarada em qualquer campo de visão que estabelecia. As placas, os relógios, os móveis do quarto e de outros espaços comuns, a carruagem em frente ao hotel, os monumentos, os detalhes nos bancos, e até mesmo os talheres, espiravam saudosismo pelo ar. Em especial, fiquei intrigada pelos seguintes símbolos:

Figura 20: Fonte de água. Fonte: Arquivo pessoal



Figura 21: Fonte de água. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 22: Placa em frente ao hotel. Fonte: Arquivo pessoal



Esses que indicavam que existiu um passado em comum entre a história da monarquia em Portugal, a monarquia no Brasil, as águas termais dos dois países, e seus povos. Portanto, era necessário que a memória desse envolvimento fosse preservada como um patrimônio. Em especial, a fonte de água inaugurada em 2018, sinaliza que não são só os milicianos passaram a ser homenageados⁴⁸, mas também o retorno dos ideais monarquistas. Por fim, não era a primeira vez que via essas manifestações, especialmente no sul do Brasil, em Santa Catarina. Discursos que soam até como nostálgicos por parte de catarinenses, acerca de um período belo e feliz, em que mesmo que não tenham chegado perto fisicamente desses tempos, simbolicamente, através de uma ficcionalização do passado, reivindicam essas histórias como parte das suas identidades. Enquanto, mundialmente ressoam frases como “A Europa é indefensável”, de Airmé Césaire, presente em seu livro *Discurso sobre o colonialismo* (2020), existe um significativo número de pessoas aqui do Sul que gritam: “Queremos ser reconhecidos como a Europa brasileira”, por isso a criação dos termos como “Vale Europeu brasileiro”, ou

⁴⁸ Ver em: <https://oglobo.globo.com/rio/alvos-de-operacao-milicianos-foram-homenageados-por-flavio-bolsonaro-em-2003-2004-23391203>. Acesso em: 05/06/2023.

do slogan “Blumenau — Alemanha sem passaporte”, estampado em outdoors no Vale do Itajaí, por iniciativas da prefeitura para atrair turistas em 2014.⁴⁹

Depois de me sentir embriagada por toda aquela romantização da figura dos imperadores, que tem como ápice a placa que fazia menção a concepção da Princesa Isabel no quarto 33, me lembrei de um poema que gosto muito, chamado “Elogio aos pés”⁵⁰. Ele fala sobre como os nossos pés merecem ser elogiados, porque, dentre tantas coisas que eles nos fornecem, também nos levam embora. Então, deixei minhas bagagens no quarto, e decidi que iria sair caminhar.

Sem delimitar exatamente um trajeto comecei a descer a rua Princesa Leopoldina. O que era para ser uma caminhada, seguidamente virava um parar para divagar. Não sei se isso é devido a sempre residir em áreas mais planas tanto no oeste de Santa Catarina ou no noroeste do Rio Grande do Sul, em que as maiores paisagens que via era sempre marcada por enormes extensões de plantações de alguma monocultura. Sentia que não seria capaz de me acostumar com a beleza de uma montanha com a sua mata preservada. Especialmente vista de um olhar parado, sem a dimensão de que ela estava vindo em minha direção, como quando estava dentro do carro ou ônibus. Mas ali parada, em que cada vez que olhava para cima, parecia enxergar mais do que vi a um segundo atrás.

Como primeira parada fui conhecer o mirante do hotel, subi extensas escadarias para chegar ao topo de uma visão que colocava aquelas estruturas em tamanhos reduzidos. Tudo aquilo que foi sedentarizado pela colonização. O que tinha sido montado para receber a chegada da família real, das cidades, daqueles e daquelas que invadem e reordenam os territórios com políticas de destruição e exploração da terra, dos rios, das matas e florestas, para que assim consigam por fim se imobilizar ali, se perdia na paisagem.

Quase que instintivamente comecei a tirar diversas fotos da vista. Ali de cima era possível ver os significados atribuídos àquelas águas ao longo dos anos: ao lado do Hotel Caldas da Imperatriz estava o Plaza Caldas da Imperatriz Resort e Spa. Relacionei a cena com o que foi dito pelo fotógrafo Gianni Berengo Gardin em uma de suas entrevistas⁵¹: “O homem, nas minhas fotografias, está lá mesmo quando não está. A paisagem em que vive foi construída por ele, mas ele não é o senhor absoluto, não a supera.”. Ao admirar a vista, senti fortemente o que

⁴⁹ Ver mais em: <https://zeroufsc.medium.com/cultura-fabricada-da-alemanha-sem-passaporte-fbd5d7f64d32#:~:text=O%20slogan%20%E2%80%9CBlumenau%20%E2%80%94%20Alemanha%20sem,foi%20fortemente%20criticada%20pela%20popula%C3%A7%C3%A3o..> Acesso a 15/06/2023.

⁵⁰ Poesia presente no livro “Caminhar: uma revolução”, escrito por Adriano Labucci.

⁵¹ “Oggi certe foto non potrei più farle” (Não poderia mais tirar determinadas fotos hoje), la Repubblica, 2 de abril de 2009.

Krenak queria dizer ao pontuar que a terra pode nos abandonar, ou mesmo nos expulsar e ainda assim seguir seu caminho⁵². Que dificuldade que é essa de só se entender na pequenez diante da grandiosidade de outras vidas. Racionalmente eu sei, a centralidade que o ser humano se coloca já foi refutada e a potência de vida da natureza já está posta. E por compreender eu alimento a minha vontade genuína de sentir isso por outras vias não racionais, de aumentar o meu desejo de existir nessa abundância. Mas, como nas palavras de Krenak (2020, p. 19): “Quem já ouvia a voz das montanhas, dos rios e das florestas não precisa de uma teoria sobre isso: toda teoria é um esforço de explicar para cabeças-duras a realidade que eles não enxergam”

Admito que por muito tempo fui convencida de fazer parte dessa exclusividade que é dada a figura humana. Tenho dessas de ser uma pessoa ao qual o contato com o que ainda tem gente que chama de “coisas”, as vezes tende a ser uma relação oposta. Viver sempre perto de concreto, plástico, vidro, tudo pintado de branco, e ainda nomeado de “bonito”. Ouvir que o que fosse manchado minimamente de terra era sujo e feio, portanto, pobre e, portanto, precisamos trabalhar para se afastar. Ser a criança que nunca aprendeu a nadar direito. Que ainda prende o nariz quando vai mergulhar. A pessoa adulta que não tem pés preparados para trilhas e que vem aprendendo a lidar com as situações como a de dividir o lugar que se dorme com lagartixas, esses seres tão legais. Eu sei, está tudo interligado, esse distanciamento faz parte do pacto colonial. Mas, eu queria mesmo entrar nas águas com tudo, para além dos diversos banhos que tomei, nas águas quentes dentro das estruturas do hotel, mas também nas geladas e correntes que escoavam fora.

Esse movimento que fiz nesta viagem, fisicamente e mentalmente, fez com que essa conexão saísse do racional, mas que eu passasse a sentir, ainda que de maneira custosa, no emocional e psicológico, de forma até envergonhada, quando fiquei cara a cara com aquelas montanhas. E desse encontro sai inspirada a buscar, reencontrar e descobrir outras partes que me compõem que hoje não enxergo em mim, mas que me encanta a ideia de passar a ver e me espalhar.

⁵² “A vida começou sem os humanos e vai acabar sem a gente. Não somos os donos da chave nem seremos os últimos a sair” (KRENAK, 2022, p. 54).

Figura 23: Vista do Mirante presente no Hotel Caldas da Imperatriz. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 24: Vista do Mirante. Fonte: Arquivo pessoal.



Diante destes sentimentos, imaginei que mais sensações foram possíveis no instante que outros olhos cruzaram com as mesmas montanhas. Especular as narrativas que poderiam ter sido feitas, cultuadas e compartilhadas, acerca de toda aquela vida que eu via naquela incrível paisagem. Algo semelhante me ocorreu quando pesquisava sobre a formação geológica das águas termais, afinal, quando a violência colonial chega ela impera também sobre a capacidade imaginativa de formas de existência no planeta. No momento em que o colonizador inicia seu processo de expulsão e genocídio das pessoas que viviam próximas daquelas águas, ele se incomoda igualmente com a explicação dada para a formação das águas pela cosmovisão daquele povo. É atormentado por os seus significados para as experimentações da vida no planeta. A colonização e a civilização se sentem ameaçadas pela imaginação, pois elas não a possuem, portanto, querem seu fim. “A vontade do capital é empobrecer a existência” (KRENAK, 2022, p. 38). É a necropolítica⁵³ sobre a diversidades de possibilidade de vida nesse planeta.

Existem diversas camadas de mundo e percepções sobre tudo que é experienciado aqui. O simples caminhar feito por mim, para a economia tradicional e nosso modo de vida estruturado na produtividade, há poucas coisas mais inúteis do que sair caminhar sem objetivo, afinal, que lucro se extrai de uma caminhada? Além de poder ser visto como uma perda de tempo. E a ideia de desperdício da passagem do tempo ao invés de estar capitalizando, não considera o cálculo acerca de quanto perdemos de vida. Em contrapartida, para o povo Guarani, o caminhar (jeguetá) é produção de vida. Pradella (2009) em um artigo construído a partir das pesquisas encomendada pela Fundação de Assistência Social da prefeitura de Porto Alegre junto as populações Guarani (Mbyá e Nhandeva), em resposta à pergunta acerca de como ao longo do tempo a vivência do seu povo havia mudado, constatou, que para a maioria, a vida dos Guarani havia piorado. “No entanto, quando perguntados sobre o motivo, muitos dos Guarani entrevistados não se referiam a perdas culturais, mas atribuíram a piora em suas vidas ao fato de não poderem mais caminhar.” (p. 104).

Essas políticas de confinamento e cerceamentos apontada pelos Guarani, mas também por outros povos originários e tradicionais, questiona como foi feita a fixação desses territórios. Em que depois de invadir, expropriar e privatizar a terra, os colonizadores impõem um modo de vida sedentarizado em um espaço limitado. E agora o Estado brasileiro irá demarcar ou não.

⁵³ Necropolítica é um conceito desenvolvido pelo historiador Achille Mbembe, que se refere ao “poder e a capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (2018, p. 5). Ver mais em: MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018. 80 p.

Ao passo que, de forma perversa, propõe critérios para que esse reconhecimento aconteça, como do marco temporal, que ignora não só toda a violência de expulsão de povos que fizeram a retomada de seus territórios após 1988, mas a cosmovisão que dá sentido às suas existências, e que está diretamente ligada com a necessidade de movimento.

Nessa mesma lógica, entre os Mbyá, a água parada também é considerada morta. Enquanto água viva e potável é aquela que se pode consumir sem males. São as águas que percorrem um caminho. Pensava nisso e continuava a caminhar na rua Princesa Leopoldina, acompanhada pela correnteza que descia desde dentro do Hotel. Quando a mata nos afastava, eu e a corrente de água, e que sabia que ainda estava comigo pelos barulhos de seu movimento, me permitia olhar para além do seu curso, mas ao voltar a vê-la, gostava de acompanhar os caminhos que ela fazia, até deparar-me com a entrada que dá acesso a comunidade Quilombola Caldas do Cubatão.

Figura 25: Placa que sinaliza a entrada da Comunidade Quilombola Caldas do Cubatão. Fonte: Arquivo pessoal.



Como já citado, a Comunidade Quilombola Caldas do Cubatão sofre com a negligência do estado brasileiro para a demarcação de seu território, mesmo que já tenha sido reconhecida pela Fundação Cultural Palmares em 2010. É preciso frisar o quanto a lentidão e embargos dos processos demarcatórios não está deslocado da negação que o entorno faz da existência da população negra e indígena na cidade, mas também no estado. A narrativa, ao qual a historiografia ajudou a perpetuar, de que a escravidão no Sul teria sido muito menor do que em outros estados brasileiros, por isso, não haveria uma significativa presença negra no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná implicam na invisibilidade da existência de 319 comunidades quilombolas no Sul⁵⁴. E, proporcionalmente, quanto maior o não reconhecimento, maior a negativa a direitos e políticas públicas.

Pensar sobre essas violências coloniais, passadas e atuais, enquanto era acompanhada pelas corredeiras das Caldas do Cubatão, que também descia o morro, as vezes mais rápido e com mais força do que eu poderia acompanhar com meus pés. Porém, por vezes mais calma, quase parando, quando formava pequenas piscinas naturais, mas sempre a seguir. De forma poética e potente, escorriam, passavam por esses diferentes lugares e histórias, as vezes dentro do Hotel, que homenageia em todos seus cantos a figura de escravocratas imperiais, mas abandonando-os ao cruzar a comunidade quilombola. Como se dissesse “posso encher, esvaziar, ser desviado, ser transformado e ainda serei rio, podem me querer água parada, empoçada, que não limpa e apodrece, mas ainda irei achar uma forma de correr”. É isso que também dizia Karáí Anúncio Oliveira Benítes sobre o caminhar: “Hoje penso no tempo em que caminhávamos por toda a parte. Perguntava para o meu sogro ‘Porque os brancos dificultam a nossa caminhada?’ Mas não tem como a gente deixar de caminhar.”⁵⁵. Ou, como diz o poeta Bruno Negrão e a poetisa Cristal Rocha: “Tem preto no Sul [...] E para quem está achando que isso daqui é a Europa, prazer, eu sou a peste negra que veio pra derrubar teu muro”⁵⁶.

⁵⁴ Ver em: [https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html#:~:text=O%20Nordeste%20%C3%A9%20a%20regi%C3%A3o,Centro%2DOeste%20\(250\)](https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html#:~:text=O%20Nordeste%20%C3%A9%20a%20regi%C3%A3o,Centro%2DOeste%20(250).). Acesso em 10/06/2023.

⁵⁵ Ver em: Jeguatá: o caminhar entre os guarani – Luiz Gustavo Souza Pradella. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/8059/6834>. Acesso em: 15/06/2023.

⁵⁶ Ver em: Tem preto no sul - poesia de Bruno Negrão e Cristal Rocha. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ehoix8ppnia&t=22s>.

Figura 26: Correnteza de água dentro do Hotel. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 27: Correnteza de água na entrada do Quilombo Caldas do Cubatão. Fonte: Arquivo pessoal.



Dessa caminhada me deparei com mais invenções em torno da monarquia, como o *Alambique Cachaça do Imperador* e o *Hotel do Imperador*. Também encontrei com a entrada do *Apuama Rafting Santo Amaro da Imperatriz*, que simboliza o projeto de turismo ligado a esportes radicais criado para essas águas. E, se quisesse tenho certeza de que acharia mais detalhes que marcassem aquele local como um espaço que cultua uma memória colonial, que é sobretudo, de violência. É fato que as mãos cheias de sangue foram e são limpas na beira daquele rio. Mas, que ainda assim, as histórias que são regadas por aquelas águas vão muito mais fundo do que a história oficial. Pode-se tentar colocar cimento nas beiras das águas, transformar suas margens em pasto, mas não pode conter a força da corrente, que jorra, escapa e transborda.

Assim, após minha caminhada, retorno ao Hotel empolgada com a ideia de banhar-me nas águas quentes. Uma experiência que ainda não havia vivido, mesmo tendo balneários com estâncias termais em diversos municípios próximos, no oeste catarinense. Apesar de ir para as salas de banhos com um direcionamento de atenção aos detalhes, com um olhar para a banheira de mármore carrara, para a construção do ambiente, é sempre muito diferente quando se vive o encontro de fato. Para além de todos os benefícios cientificamente comprovados. A melhora ao aparelho digestivo após ser ingerida. O alívio das dores no corpo. O provento para a pele e sistema nervoso, com toda sua ação desintoxicante e hidratante. Nomeio esse banho como encontro pois essas águas me marcaram desde que soube da sua existência. E partir de uma intervenção artística na minha cidade, agora podia dar sentido sensorial a experiência desse contato. Entendi que assim como as águas dos rios aproximam longas distâncias, eu tinha percorrido a estrada de Chapecó até Santo Amaro da Imperatriz para viver aquele momento. Portanto, era sim possível pensar a produção e escrita da História aproximando arte e

termalismo. Bem como, aproximar fontes e bibliografias com narrativas subjetivas de uma viagem.

Figura 28: Espaço de sala de banhos. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 29: Banheira da sala de banho do Hotel Caldas da Imperatriz. Fonte: Arquivo pessoal.



Após o banho, circulei por todo o Hotel, sentei-me para ler e escrever em diferentes espaços ao ar livre, comi as comidas caseiras do refeitório. Me perdi nas observações das interações dos pouquíssimos hóspedes, em sua maioria de pessoas mais velhas, que acompanhavam seus familiares idosos(as). Até o momento que me recolhi no quarto e adormeci. Estava tão descansada pelo toque das águas, que esqueci de fechar a janela do quarto. No outro dia, sou acordada pela luz e o calor do sol, juntamente da visão de uma araucária. Uma das que ficou em pé após a construção daquelas estruturas.

Figura 30: Vista da janela do quarto. Fonte: Arquivo pessoal.



As araucárias assim como os rios, são símbolos de resistência a colonização. Os povos indígenas do Sul do Brasil têm uma história ancestral com as araucárias⁵⁷. Além de permitir a ocupação, o bem viver e alimentação, o *fãg* (araucária em Kaingang), está presente na vida ritual e cerimonial do povo Kaingang⁵⁸. Conforme Aline Nunes, as araucárias foram determinantes para a sobrevivência indígena, e igualmente, esses povos contribuíram para a disseminação da floresta pelo território que ocupavam⁵⁹. Então, se por um lado as florestas foram expandidas pelos povos originários, o homem branco colonizador destruiu essa

⁵⁷ Ver em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-povo-que-fez-do-pinhao-uma-floresta/>. Acesso em: 15/05/2023.

⁵⁸ Ritual do Kiki, realizado na época da colheita do pinhão. Ver em: Queiroz, I. B. de, & Lino, J. T. (2021). O ritual do Kiki do povo Kaingang: cultura material de um ritual religioso indígena no Brasil Meridional. *Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia*, (36), 46-56. <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2021.172880>.

⁵⁹ Nunes, Aline. **Conheça a relação da história dos povos paranaenses com a árvore símbolo do estado.** Curitiba de Graça, 2021. Link: <https://curitibadegraca.com.br/dia-da-araucaria-conheca-a-relacao-da-historia-dos-povos-paranaenses-com-a-arvore-simbolo-do-estado/>. Acesso em 15/05/2023.

paisagem, e hoje as araucárias estão em ameaça de extinção por conta do desmatamento⁶⁰. É bonito demais pensar um povo recriando um lugar para ser habitado, ao invés de destruí-lo com a sua habitação. Consigo imaginar que histórias também teriam as araucárias a nos contar, especialmente sobre os povos do Sul que elas entraram em contato. É cada vez mais óbvio o quanto precisamos escutar as narrativas das águas, florestas e terra para sermos capazes de reconstituir um mundo possível.

Assim, após o bom dia desses outros seres, levantei, tomei café e aproveitei para tomar mais um banho nas águas quentes que jorravam daquelas fontes. Por fim, após o almoço peguei o mesmo ônibus de nome Imperatriz para retornar para Florianópolis. No caminho de volta, ele estava mais cheio. A maioria de trabalhadores e moradores da região que se deslocavam até a ilha, utilizando daquele tempo do percurso para ler, dormir, conversar, estudar. E eu, olhava pela janela e me despedia do lugar. Pensei sobre como toda a experiência tinha me tocado, do quanto dali levaria comigo, para o trabalho, mas para outros caminhos. O impacto da primeira viagem sozinha, da montanha a me encarar, do toque e sensação das águas, dos atravessamentos das narrativas e memórias do local. Não tinha nenhuma pretensão de deixar pegadas, conforme desejado tinha as marcas todas em mim. Confesso que lá no fundo pensava: queria eu ter deixado algo aqui, para ter por que voltar mais uma vez buscar. E no fim, com certeza voltarei.

2.4 UM PASSADO QUE NÃO PASSA

Em uma das postagens do Facebook Santo Amaro Antiga foi divulgado a exposição: "Santo Amaro da Imperatriz: Uma Saudade... Um Passado que não passa" ⁶¹. Segundo o post, iria contar com mais de "90 imagens de várias épocas, informações e alguns objetos". O evento que aconteceu nos dias 14 e 15 de junho de 2014, tinha como imagem de divulgação fotos do Dom Pedro II e da Imperatriz Teresa Cristina. Fato é que o título da exposição não poderia ser mais simbólico. Aquela história era também a História do Tempo Presente da localidade. A luta e resistência quilombola, a violência com os povos indígenas, a busca constante de formas de

⁶⁰ Ver em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2020/09/araucaria-pode-ser-extintas-proximas-decadas-por-conta-de-desmatamento.html>. Acesso em 15/05/2023.

⁶¹Ver em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=718502841541766&set=a.686003531458364.1073741828.685975721461145>. Acesso em: 10/06/2023.

exploração das águas, são a prova de que o colonialismo teve como especialidade a criação de passados que não passam. Que deixam marcas e permanências no presente.

Além desse, outros eventos que relacionam a história da cidade de Santo Amaro com a monarquia acontecem seguidamente. Em especial, cita-se a elaborada agenda de festividades em decorrência dos “170 anos da visita imperial”, organizada em 2015.

Figura 31: Cartaz de divulgação das comemorações dos 170 anos da visita imperial. Fonte: Facebook Santo Amaro Antiga

170 Anos
Visita da Família Imperial
a Santo Amaro da Imperatriz

**Solenidade comemorativa aos
170 anos da Visita da Família Imperial
a Caldas da Imperatriz**

Quinta | 22/10 | 19h30

Local: Centro de convivência da terceira idade

* Apresentação de peça teatral
* Premiação do concurso de arte das escolas do município
* Coquetel

Programação Completa

Quarta | 21/10 | 19h30
Local: Auditório do Conventinho do Frei Hugolino
Solenidade do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) e Pré-Lançamento do livro Caldas da Imperatriz 1845 - 2015
170 anos de História, de José Carlos Petri, coquetel de encerramento.

Quinta | 22/10 | 19h30
Solenidade da Hidrocaldas comemorativa aos 170 anos da Visita da Família Imperial a Caldas da Imperatriz.
Premiação do concurso de pintura
Apresentação de peça teatral
Homenagens

Sábado | 24/10
11h | Local: Frente ao Hotel Caldas da Imperatriz
Inauguração do Obelisco.
14 h | Local: Auditório do Conventinho do Frei Hugolino
Encontro Nacional do Círculo Mornárquico Nossa Sra. do Desterro, com a participação da Família Imperial. D. Antônio João de Orleans e Bragança, D. Christine Maria Isabel, princesa de Ligne e seu filho Dom Rafael Antônio de Orleans e Bragança, príncipe do Brasil e de Orleans e Bragança.

Domingo | 25/10
11h | Missa na Capela do Conventinho do Frei Hugolino
12h | Almoço no salão Frei Adalberto com apresentação da Sociedade Musical e Cultural Santo Amaro e presença da família imperial
Ingressos ao custo de R\$ 35,00
O lucro do Almoço será revertido para a Sociedade Musical e Cultural Santo Amaro.

Realização: HidroCALDAS Apoio: Prefeitura de Santo Amaro da Imperatriz Patrocinadores: IMPERATRIZ UNILAR LOJA JEAN

Grada Kilomba explica que “a história colonial é algo que não se pode esquecer, por isso, está sempre em nossa memória”⁶². Porque a colonialidade não nos deixa esquecer. A invenção e ficcionalização desse passado como uma memória coletiva e comum de todos(as) da cidade, faz parte das violências coloniais que seguem sendo perpetuadas. Quando proposto para as crianças das escolas do município de Santo Amaro da Imperatriz um concurso de arte que retratasse a chegada da família imperial, se utiliza da educação formal como ferramenta de

62

Ver em: https://www.youtube.com/watch?v=-9xhyouAirA&list=PLnmWRvsvfQLm_CFEe4upE7QVwo1cCDgY&index=2. Acesso em: 11/06/2023.

perpetuação do apagamento histórico da violência das vítimas deste evento histórico. Ao mesmo tempo, não é possibilitado às vítimas o real esquecimento. O racismo e o preconceito seguem sendo marcas intrínsecas nessa mesma sociedade. Faz parte do que Krenak (2022) questiona acerca da formação dos estados-nação, em que perversamente se propõe a ideia de que “Ah para a gente se entender como nação, vamos todos fazer de conta que não houve genocídio” (p.42). Mas como cantado pelo artista Kandu Puri: “Só pra branco tava bom aqui desde o Império, eu tava na mata vem e me mata, a sua cidade é o meu cemitério”⁶³. Então, como considerar uma história comum da pátria, ou de um município, quando estamos vivendo sob um cemitério continental dos povos originários de Abya Yala⁶⁴.

Outro fator que exemplifica essa glorificação de um passado-presentificado, é a própria nomenclatura de realeza para os convidados do evento. Mesmo que a monarquia no Brasil tenha findado em 1889, nas postagens em redes sociais e notícias locais, os usos de termos como “princesas” e “príncipes” é usado. Enquanto isso, nos mesmos textos, quando citam a breve menção aos indígenas que viviam naquele território, ainda se insiste em utilizar o termo “índios”. A escolha sobre quais identidades e sujeitos reconhecer é feita conscientemente, porque, também não está alheia a projetos políticos de presente e futuro. Em uma das notícias⁶⁵ sobre o evento é posto: “Entre muitas autoridades, terá a presença do príncipe herdeiro, Dom Antônio de Orleans e Bragança e seus familiares”. O pressuposto de que existe um trono para se herdar, não é deslocado das outras crenças construídas nestes dias de festividades, como presente no cartaz, também aconteceu o “Encontro nacional do Círculo Monárquico Nossa Sr. Do Desterro”.

⁶³ O trecho faz parte da música Koya – Kandu Puri. Ver: <https://music.youtube.com/watch?v=SGt6MN2h6NQ>. Acesso em: 05/06/2023.

⁶⁴ Abya Yala era uma denominação usada pelo povo Kuna, do norte da Colômbia, mas que passou a ser utilizada pelos povos originários para designar todo o continente. No idioma original significa “Terra que refloresce”

⁶⁵ Ver em: <https://granfpolis.org.br/noticias/index/ver/codNoticia/334502/codMapaItem/42699>. Acesso em: 05/06/2023.

Figura 32: Antônio João de Orleans e Bragança e Christiane de Ligne de Orleans e Bragança nas festividades de 170 anos da visita imperial. Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=628688257273753&set=a.628687070607205>



Ainda sobre as festividades do ano de 2015, foi realizada a inauguração de um obelisco em homenagem aos 170 anos da Visita Imperial. Apesar da menção aos povos indígenas que habitavam as fontes termais, nos outros lados do obelisco está presente o decreto de D. João VI de 1818 já citado, e uma homenagem aos descendentes da família Orleans e Bragança.

Figura 33: Obelisco da Imperatriz. Fonte: Arquivo pessoal



Figura 34: Homenagem presente no obelisco da Imperatriz. Fonte: Arquivo pessoal



Em uma das postagens⁶⁶ que divulgava o evento de inauguração, também se pontuava que “muitos brasileiros não sabem, mas ainda existe no Brasil, uma família herdeira legítima de Dom Pedro II e da Princesa Isabel, reconhecida como a Família Imperial Brasileira. Eles nunca perderam o título, e caso o Brasil volte a ser uma monarquia, os herdeiros imperiais assumiriam o País”. Esse pensamento, por mais deslocado que nos pareça, não estava dissociado das ações feitas naqueles dias, financiadas e organizadas por diversas instituições do município. Posteriormente, no bicentenário de Caldas da Imperatriz em 2018, a variada programação envolvia a participação de figuras de Portugal, ligadas a estância termal Caldas da Rainha. Especialmente no dia 18 de março foi realizada a cerimônia de comemoração com a presença do Prefeito de Caldas da Rainha/Portugal. Deste evento foi criada uma capsula do tempo, com previsão de abertura em 2068.

Figura 35: Capsula do tempo presente no Hotel Caldas da Imperatriz. Fonte: Arquivo pessoal



⁶⁶ Ver em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=974213915970656&set=a.686003531458364&locale=pt_BR. Acesso em: 05/06/2023.

Todas as ritualizações acima citadas fazem parte dessa premissa de rememoração de um passado que não só não passa, como também se pretende que seja trazido à tona em nosso futuro. O ressurgimento do debate sobre a presença de uma monarquia brasileira foi se intensificando ainda mais nos últimos anos com a ascensão da extrema direita no país. Tendo um de seus desdobramentos a eleição de Luiz Philippe de Orleans e Bragança (PL) como deputado federal, sob o mesmo discurso, autointitulado como príncipe e herdeiro do trono. A atuação do deputado é igualmente marcada pelo antecedente da violência colonial. Em meio a casos análogos à escravidão que começaram a serem investigados nos primeiros meses de 2023, após a transição de governo federal, com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2022⁶⁷, Luiz Phillippe reunia assinaturas para uma Proposta de Emenda à Constituição que prevê a extinção do Ministério Público do Trabalho⁶⁸. Sem espanto, a maioria dos 66 deputados que contribuíram para a proposta eram de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os estados em que os casos mais recentes de resgates de trabalhadores em situações de trabalho análogas à escravidão aconteceram. Entre outras ações do deputado, cita-se o requerimento de pedido de urgência a apreciação do Projeto de Lei nº 490/2007, que dispõe sobre a demarcação de terras indígenas, e a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito com a finalidade de investigar a atuação do grupo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Entre outras de cunho conservador e fundamentalista religioso.⁶⁹ Em suas redes, além de propagar notícias falaciosas, estimula um discurso de ódio muito presente em todos os comentários de suas postagens. Igualmente, foi um dos que suscitou as tentativas de golpes do período de 31 de outubro de 2022 até 8 de janeiro de 2023. Além disso, Luiz Felipe chegou a ser cotado e confirmado como vice-presidente da chapa de Bolsonaro em 2018, e as notícias⁷⁰ sobre a substituição pelo general Hamilton Morão apontam sobre um suposto dossiê.⁷¹ Fato é que a aversão que esses homens possuem não é só da natureza, e por isso, a tentativa de destruição dela e das comunidades que

⁶⁷ De acordo com dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, somente nos primeiros meses deste ano foram resgatados 1.201 trabalhadores explorados em condições de trabalho análogos às de escravo. Ver mais em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2023/03/02/casos-notorios-de-trabalho-anologo-a-escravidao-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 01/06/2023.

⁶⁸ Ver em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/em-meio-a-casos-analogos-a-escravidao-deputado-quer-fim-do-ministerio-publico-do-trabalho/>. Acesso em: 20/05/2023.

⁶⁹ Ver em: <https://www.camara.leg.br/deputados/204526>. Acesso em: 20/05/2023.

⁷⁰ Ver em: <https://exame.com/brasil/principe-luiz-philippe-diz-que-dossie-intimo-o-tirou-da-vice-presidencia/>. Acesso em: 01/06/2023.

⁷¹ Dentre as informações do dossiê havia o rumor de fotos íntimas do deputado e a acusação de que fazia parte de um grupo de agressores de pessoas em situação de rua. Fato é que a polêmica mostrou que as forças de extrema-direita destruíram a imagem de Luiz, porque, apesar de credibilidade com o candidato a presidente, não tinha força política dentro da trama partidária. Mas só o fato dele ser cotado, mostra a relevância do simbolismo da monarquia na atualidade brasileira. Ou seja, mesmo não tendo trajetória institucional (esperada para qualquer político), tinha força simbólica.

nela vivem. A vontade é de colocar cimento em tudo. O conservadorismo se revolta com as curvas dos rios, assim como com as curvas que fazem aquelas(es) que vivem na dissidência, porque a mente formada por concreto, é reta, fixa e não permite que água corra ali. Ou ainda, acha uma vergonha que pessoas possam encharcar, ser e formar cachoeiras, correr livres como correntezas. Nos querem secos, são inimigos da água, mesmo que compostos por 70% dela.

RETORNO AO PONTO DE PARTIDA: SEMPRE EM MOVIMENTO

“Um dos primeiros pecados inventados pelos padres foi o pecado do nomadismo ('Cartas Jesuíticas, 1517-1570', do padre Manoel da Nóbrega). Para eles, era impossível catequizar um povo em movimento. Já em nossas cosmogonias, a saúde está exatamente no movimento” - Geni Nuñez, em texto para Folha de São Paulo, 2023.

Para este último texto de narrativa de viagem, estava no ônibus a caminho de Chapecó no dia 11 de janeiro, muito disposta a escrever nas notas do meu celular. Primeiramente, porque tinha muito para escrever sobre os impactos da experiência, mas mais ainda sobre as perguntas e respostas que cheguei a partir dela, e que no fim pouco tinham a ver com a estância termal ou com Santo Amaro da Imperatriz. E, também, porque chovia muito lá fora, e era impossível dormir e relaxar. Então, estava empenhada em ocupar a mente.

Acontece que cerca de 2 horas depois que havíamos saído da ilha, o ônibus parou em uma espécie de lanchonete/posto de gasolina de beira de estrada e o motorista surge da cabine e exclama: “Houve deslizamentos na pista, não tem como seguir, então, vamos parar aqui, pois há banheiros e comida”. Foi consenso nos comentários dos passageiros o alívio de termos sido avisados dos deslizamentos antes de chegar mais próximo. Assim como as fabulações sobre quantas horas iríamos ficar parados, tendo em vista que a chuva não só não aliviava, mas se intensificava, e, ainda, era preciso liberar a pista, e garantir que o risco não era mais existente. No primeiro momento participei das conversas, especialmente com uma mulher que eu dividia os assentos, porém quando ela desistiu de se ocupar e resolveu tentar dormir, também desisti de esperar no ônibus e saí para pensar e escrever lá fora. Já madrugada adentro, em companhia do barulho da chuva, percebi que toda aquela empolgação sobre a viagem e até a tristeza que sentia por estar voltando foi substituída por um sentimento muito maior: uma enorme vontade de chegar em casa. E, assim, me surpreendi com meu próprio pensamento. O retorno também tinha sua beleza e importância. Ter para onde voltar, demonstra que se teve uma viagem. Apesar de gostar muito da ideia de seguir em busca de novidade, do não cessar do movimento, existe muita surpresa em ver de novo o que já se viu, afinal, tem toda aquela história de o rio não ser mais o mesmo, tampouco o Humano, como pensava Heráclito de Éfeso. Mas que de fato eu queria encarar a minha vida em Chapecó com um olhar de quem está passando, que não irá se imobilizar ali, mas que vai se entregar durante a travessia. Um olhar criativo e transformador sobre os antigos lugares. Com atenção para o que me despertava ali e para o encanto que ainda podia salvar, e com curiosidade sobre aquilo que ainda não avistei. E se esse fosse o rio que eu

atravesso neste momento, eu não iria desvalorizá-lo totalmente por estar em um percurso em que a água do rio é mais baixa, que me cobria apenas até a tornozelo. Em outros momentos eu também vivi a parte mais alto do rio, e naquelas águas me senti imersa e abraçada.

Por fim, poucas horas depois, o ônibus seguiu viagem. Cheguei em casa mais feliz do que imaginava, e este último texto de narrativa ficou incompleto por meses. Essa distância que tive com essas narrativas, em contrapartida a outros textos que compõem o trabalho, me desenvolveu um sentimento de falta muito grande, principalmente em relação as vivências da viagem. Sentia que apesar de ter conhecido, vivido, aprendido muito, não sabia se teria tanta coisa para colocar no papel. Lembrei que esse sentimento de falta não era novo. Igualmente no dia de retorno, havia encaminhado um áudio para o professor Ricardo extremamente animada por contar brevemente sobre como tinha sido o dia, mas que finalizei triste, pois eu queria ficar mais. Sentia que tinha mais para ver, mas que infelizmente voltava para Chapecó a noite.

Meses depois tive uma conversa similar, em um desses momentos em que os orientadores gentilmente nos situam no contexto em que a pesquisa está sendo desenvolvida, ao lembrar o que eu fazia questão de esquecer constantemente: existem prazos a serem cumpridos, e eles não são baseados no meu tempo. Eu gostava muito de deixar os textos inacabados, pois queria voltar neles conforme fosse chegar em reflexões, fontes, insights. E por fim, o que eu tinha eram diversos textos incompletos e soltos, pois eu sentia que iria chegar mais longe, que deveria esperar pelo momento em que a falta seria preenchida. Foi quando Ricardo disse “Carla, é preciso finalizar. É importante saber que a estrada acabou para poder encontrar onde começa outro caminho”. Então, respondo agora a orientação dada de que eu entendo que em algum momento é preciso pegar o ônibus e voltar, e que é preciso terminar um texto, e igualmente é necessário levantar da cadeira e soltar o trabalho que foi feito, e compreender que aquele foi o resultado que se chegou. Ainda assim, tive dificuldade de soltar essa escrita, portanto, imagino agora que a correnteza das águas com a sua força mágica de carregar coisas, vem e a leva. Afinal, outra coisa que a gente aprende cedo com os rios, é que não dá para nadar contra a corrente. Não há como conter o que precisa fluir. O rio vai ter que desaguar no mar. E é inspirada no fluxo das águas que finalizo esse trabalho convidando a todes para movimentar-se.

Diante de toda as considerações que a pesquisa me trouxe, friso com muito carinho a necessidade do aprender com o movimento e com as águas. A importância de sermos inspiradas(os) pelos rios para que sejamos pesquisadoras(es), profissionais e pessoas impossibilitadas de ficar quieta. Que a imobilidade nos enfureça. E o movimento nos leve sempre a outros caminhos, ou que fuçamos para esses caminhos como fizeram outres. Que

inspirado em viajantes e caminhantes também nos seja possível entender que nem sempre seguir e deixar algo para trás, vai ser triste, e mesmo com essa mescla de ansiedade sobre o que virá, saibamos que ficar ou voltar será o maior fracasso dessa viagem. É desonesto e violento que nos negamos a caminhar depois da intensa caminhada de mais de 500 anos feita desde a invasão desse território que hoje é o Brasil. Caminhada de mulheres, homens e pessoas que não se identificam com o binarismo de gênero imposto, originários, indígenas, quilombolas, pretos e pretas, populações não brancas, pessoas LGBTQIAP+, pessoas com deficiência, trabalhadores e trabalhadoras, pobres, excluídos, marginalizados, torturados, perseguidos e vítimas de violência pelo Estado brasileiro, movimentos sociais de luta e resistência pelo direito a terra, moradia, saúde e dignidade, coletivos em defesa da preservação do meio ambiente, da floresta em pé, da água limpa e viva. A estrada percorrida por essas pessoas é longuíssima e ainda há muito a percorrer. Voltar ou continuar na inércia, pois ainda existem aqueles que não compreendem a importância do movimento, é gravíssimo. Aos que insistem em permanecer, em seus lugares, confortáveis e imobilizados, que consigamos marcá-los pela nossa pressa de partir e de fugir deles. Fugir da defesa do conservadorismo, dos preconceitos, do desenvolvimentismo com ânsia de enriquecimento, dos que dizem “sempre foi feito assim”. Fugir da passividade sórdida dos imóveis com a satisfação e alegria de abandoná-los.

E indo, mais além, propomos o movimento e o caminhar como metáfora para a produção das pesquisas nas ciências humanas e no campo da História. Não há mais tempo nem fôlego para passeios que não são oportunidades de novos caminhos, paisagens, visões e encontros. Não há mais roteiros para estradas previsivelmente horríveis que produzem um esgotamento físico, mental, emocional, da natureza, e da qualidade de vida de quem se quer é responsável por essas expedições. Mesmo que as financie indiretamente, a exemplo de situações como as dos países que as maiores produções científicas advêm do setor público. Não há mais disposição para longas caminhadas que ignoram (propositalmente) que esse percurso já fora trilhado anteriormente por outros nomadismos, mas que a gente, pessoas brancas, é que não o colocava nas leituras obrigatórias, grades curriculares e espaços de discussão em torno da produção do conhecimento.

Afinal, além dos caminhos e estradas a percorrer, precisamos pensar em que caminhantes estamos formando, pois apesar de estarmos presentes, a fusão com o ambiente não irá acontecer naturalmente. Como já exposto pela historiografia em torno das discussões acerca da imparcialidade dos/as historiadores/as. É preciso aprender a caminhar de outras formas. Pode-se dizer que quem caminha precisa rever as bagagens que leva consigo. Não teria como carregá-las se muito pesadas, e de fato, é preciso aprender a soltar bagagens intrincadas. Os

preconceitos, as crenças limitantes imposta pelo colonialismo/colonialidade, as concepções perversas, o ego, as vaidades e a pretensão de universalidade. Empreender movimentos de (des)colonização e desterritorialização. Combater o uno de nossa identidade e fazer-nos múltiplos. Sair permanecendo e encontrando outras conexões possíveis, como no exemplo da História com a Literatura, quem sabe?

Em contrapartida, precisamos valorizar a capacidade do ser humano de levar um pouco de cada lugar consigo, e de acumular muitas coisas com as experiências e vivências. Essas que aparecem na caminhada acadêmica, mas não se limitam a ela, pois, não se produz pensamento somente em salas fechadas de universidades. Na verdade, o pensamento é arejado, ele precisa de espaço para circular. Vamos produzir textos que fazem com que as(os) leitoras(es) se movimentem juntas(os), contagiadas(os) a mover o corpo e a mente. Inclusive mesmo sem se quer sair do lugar em que leem. Vamos percorrer estradas e trilhas, calcar os pés sobre solos de lama de passagens do preconceito, do colonial, do tradicional, do excludente, para ir além. Encontrar um solo firme, com pedras organicamente postas para o acesso, que cruzam sobre águas ancestrais, que jorram, escapam e transbordam por um curso capaz de inspirar sonhos de um futuro que só pode ser sonhado a partir do que sempre esteve aqui:

“E eu espero que a gente possa ajudar a oxigenar ao máximo esses ambientes, assim como os nossos rios, que generosamente compartilham sua potência e confluem. Que a gente possa aprender a não ficar preso a nenhuma barragem.” – Ailton Krenak.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História**. São Paulo: Intermeios, 2019. 276 p.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007. 256 p.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [S.L.], n. 11, p. 89-117, ago. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-33522013000200004>.

BASBAUM, Ricardo Roclaw. **Manual do artista-etc.** 1º ed. - Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 7-20.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p.13-55.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. "Decolonizar la universidad. La *hybris* del punto cero y el diálogo de saberes". En: Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (comps.). **El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**, Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução: Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

CURIEL, Ochy. Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial. In: Azkue, Irantzu Mendia; Luxán, Marta; Legarreta, Matxalen; Guzmán, Gloria; Zirion, Iker & Carballo, Jokin Azpiazu. (Ed.). *Otras formas de (re)conocer: reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista*. Bilbao: UPV/EHU, 2014, p. 45-62. **Cadernos de Gênero e Diversidade**. UFBA, 2016, v. 2, n.2.p. 5-9.

GHERMAN, Michel; ROCHA, Milleni Freitas. A cidade não-unificada: mizrachim, rebelião e luta pela memória dos Panteras Negras de Jerusalém. In: NAPOLITANO, Marcos; KAMINSKI, Rosane. **Monumentos, memória e violência**. São Paulo: Letra e Voz, 2022. p. 41-64.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5. Campinas, Ed. Unicamp, vol 5, pp 07- 41.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 3, p. 12–33, 24 dez. 2020. Tradução: Fernanda Sousa; Marcelo R. S. Ribeiro. Disponível em: <<https://bitly.com/Ke6zB>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queer radicais. São Paulo: Fósforo, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideais para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (eds.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-168. Disponível em: <http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogozmez.pdf>. Acesso em: 17 out. 2017.

MBEMBE, Achille. **O poder do arquivo e seus limites**. Tradução de Camila Matos. In.: MBEMBE, Achille. *The Power of the Archive and its Limits*. In.: HAMILTON, Carolyn; HARRIS, Verne; TAYLOR, Jane; PICKOVER, Michele; REID, Graeme; SALEH, Razia (Orgs.). *Refiguring the archive*. Kluwer Academic Publishers. London, pp. 19-26. 2002.

Meireles, M. “Artistas veem derrubadas de estátuas como resgate e não como apagamento”. **Folha de S. Paulo**, 12 de jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/06/artistas-veem-derrubada-de-estatuas-como-resgate-e-nao-apagamento-de-figuras.shtml>. Acesso em: 10 Mar. 2023.

MENEZES, H. “Monumentos públicos de figuras controversas da história deveriam ser retirados? SIM”. **Folha de S. Paulo**, 19 de jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/monumentos-publicos-de-figuras-controversas-da-historia-deveriam-ser-retirados-sim.shtml>. Acesso em: 10 Mar. 2023.

NAPOLITANO, Marcos; KAMINSKI, Rosane. Sobre monumentos e memórias que inflamam. In: NAPOLITANO, Marcos; KAMINSKI, Rosane. **Monumentos, memória e violência**. São Paulo: Letra e Voz, 2022. p. 7-16.

NÚÑEZ, Geni Daniela Núñez Longhini. **Nhande Ayyu é da cor da terra**: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude.. 2022. 132 f. Tese

(Doutorado) - Curso de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

NÚÑEZ, Geni; BARBOSA, Andrieli; GUEDES, Marina Fernandes; OLIVEIRA, Mariza de. Partilhar para reparar: tecendo saberes anticoloniais. In: FERNANDES, Rosa Maria Castilhos; DOMINGOS, Angélica. **Políticas Indigenistas**: contribuições para afirmação e defesa dos direitos indígenas. Porto Alegre: Editora da Ufrgs/Cegov, 2019. p. 153-167.

PETRI, José Carlos. **Caldas da Imperatriz**: A primeira viagem do imperador D. Pedro II e da Imperatriz em 1845. Blumenau (SC), 2ª Ed. 2022.

PRADELLA, Luiz G. S. Jeguatá: o caminhar entre os guarani. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 99-120, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/8059/6834>. Acesso em: 25/05/2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, CLACSO, p. 107-130, 2005.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Antimonumentos**: trabalho de memória e de resistência. *Psicologia Usp*, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 49-60, abr. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564d20150011>.